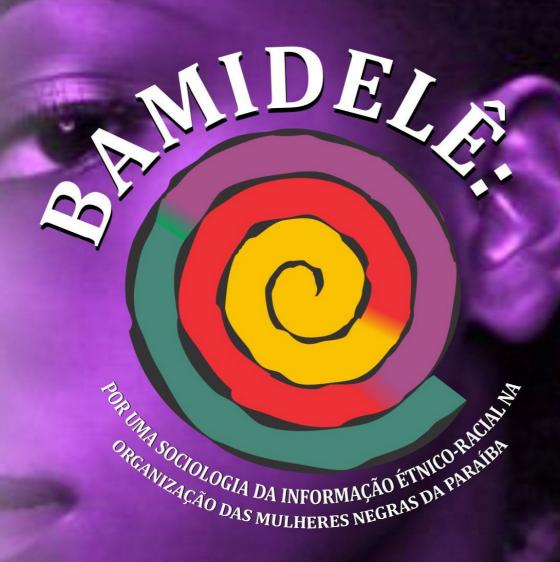
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA







LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA

BAMIDELÊ: POR UMA SOCIOLOGIA DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) - Linha de Pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof. a Dr. a Mirian de Albuquerque Aquino

Co-Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

Catalogação da Publicação na Fonte

S586b Silva, Leyde Klebia Rodrigues da

Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba / Leyde Klebia Rodrigues da Silva. - João Pessoa, 2014.

120 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Prof. a Dr. a Mirian de Albuquerque Aquino Co-Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

1. Ciência da Informação. 2. Bamidelê. 3. Informação étnicoracial. 4. Sociologia da Informação. Título.

CDU 02(043)

LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA

BAMIDELÊ: POR UMA SOCIOLOGIA DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) - Linha de Pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27 de Fevereiro de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Mirian de Albuquerque Aquino - PPGCI/UFPB Orientadora
Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves - PPGCI/UFPB Co-Orientador - PPGCI/UFPB
Prof.ª Dr.ª Izabel França de Lima - PPGCI/UFPB
Examinadora interna
Drof à Dr à Cisolo Bosha Cârtos DCI/HEDD
Prof.ª Dr.ª Gisele Rocha Côrtes- DCI/UFPB Examinadora externa
Prof. ^a Dr. ^a Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque - PPGCI/UFPB Examinadora interna (Suplente)
Prof. ^a Dr. ^a Marluce Pereira da Silva - CCAE/UFPB - Campus IV

Examinadora externa (Suplente)

À tod@s aquel@s, que assim como eu sonham e lutam por um mundo melhor, sem qualquer forma de preconceito e discriminação!

AGRADECIMENTOS

À Deus, Pai Todo Poderoso, Criador de todas as coisas. Senhor, obrigada por me ajudar e nunca me desamparar, pois, sem a sua luz e o seu amor, nada eu seria.

A minha amada e doce "mainha", por ser meu porto seguro e me amar incondicionalmente, mesmo que, nem sempre eu seja "a filha perfeita". A senhora é a melhor mãe do mundo;

Ao meu querido "painho", que sempre me ensinou o valor do "estudo", apoiando-me a ajudando-me a trilhar os caminhos do conhecimento e, mesmo longe, continua depositando suas esperanças em mim;

À minha família (irmã/os, primas/os, tias/os), que sempre, de formas distintas, me apoiaram e acreditaram em mim. Especialmente aos meus irmãos Kennyton John e Khyrêbos, que moram comigo e acompanharam todo percurso do mestrado, e a minha prima (irmã, amiga, confidente e talvez minha maior fã, risos) Ayslânia Campos, espero que saiba que é a tua força, amizade e fé que me erguem nos momentos mais difíceis e são as tuas broncas que me ajudam a prosperar. Obrigada!;

À Prof^a. Dr^a. Mirian de Albuquerque Aquino, minha orientadora (mãe acadêmica), cuja orientação me direcionam aos caminhos de um aprendizado contínuo. Nem sei como agradecer, em palavras, tudo o que fez e continua fazendo por mim, desde os passos iniciais na pesquisa científica, no curso de graduação e agora no mestrado, sempre se preocupando comigo, para que eu tivesse o melhor desempenho, tanto na jornada acadêmica quanto na vida pessoal;

Ao Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves pelos seus sábios conselhos e, principalmente por ter aceitado me co-orientar. Mesmo com tantas demandas acadêmicas sempre ofereceu seu apoio e colaboração para a concretização desta pesquisa;

A Izabel França de Lima, por me apoiar, ajudar e acolher com tanto carinho. Sou grata a Deus por ter conhecido uma pessoa tão generosa e amiga, de coração aberto e exemplo de ser humano;

Aos meus amigos e amigas, irmãos e irmãs de coração, "Ju Bunitona" (Jussara Ventura), "Mindu" (Jobson Francisco Jr.), que se tornaram parte da minha família e suportaram (e ainda suportam) os meus "dramas", ensinando muito sobre amizade e companheirismo;

Ao NEPIERE/GEINCOS, minha família acadêmica, por ter me ajudado a amadurecer na compreensão da ciência e tornar-me uma pessoa melhor;

Aos meus amigos e colegas de mestrado: Anderson, Angélica, Antônio, Brenda, Carlos, Cláudio, Dayana, Edilson, Emilia, Eutropio, Fabiana, Jobson, Jussara, Lívia, Lúcia, Luiz, Márcio, Mariana, Mayra, Naiany, Názia, Nonato, Robéria, Sale, Sandra, Sandrine, Sara, Susi e Wendia, pelos momentos compartilhados e segredos confidenciados;

Aos meus amigos "Chatubas", especialmente, Sadraque Lucena, Stefanny Lucena e Mônica Elisa, pela compreensão, amizade e encorajamento;

Aos meus amigos e amigas de Patos, minha terral natal, especialmente as minhas queridas Lulu's: Dayanne, Emilly, Huislany, Savanna, Walmislene, Wanessa e Williane, pois mesmo distante, não me deixaram sem sua amizade e carinho um momento sequer;

A equipe do PPGCI/UFPB (professores/as, coordenadores/as e funcionários) pelos ensinamentos transmitidos dentro e fora de sala de aula e pelo apoio e colaboração no desenvolvimento das atividades administrativas;

A Bamidelê, por ter aberto as portas da ONG para realização desta pesquisa, sem sua colaboração esse trabalho não teria sido viabilizado;

As mulheres, sujeitos da pesquisa, por se disponibilizarem a colaborar com a realização deste trabalho, vocês foram e são minha fonte de inspiração;

Às Professoras Examinadoras, pela disponibilidade em participar da Banca; e...

A todos e a todas que, direta ou indiretamente, contribuiriam para a realização de mais essa etapa da minha vida, seria impossível agradecer a tantas pessoas, mas, com toda gratidão que há em coração, agradeço!

Mulheres de Ébano!

Escutem as suas melhores vozes, amem seus corpos, sua mente, "assumam sua raça, assumam sua cor". Organize-se, no plano pessoal e coletivo, organize-se, leia, questione, leia, ame, leia, ore, leia, chore e abrigue suas demais irmãs negras. Reúna-se, mesmo em casa. Não dê ouvidos ao racismo que quer nos impedir de termos nossa própria vida. Afirme nossa história, leia contos, converse com seus filhos, companheiros(as), acompanhe o que a escola diz, acompanhe o que está nos jornais, escreva uma frase, um texto, um livro. Vá às ruas, seja você, sejamos nós as vozes que mudarão este país, tornando-o realmente uma nação a altura do povo negro.

Ângela Nascimento, Secretaria de Políticas de Ações Afirmativas - SPAA (2010).

RESUMO

A Ciência da Informação (CI) é uma área do conhecimento que, por essência, realiza investigações sobre o funcionamento dos processos de apropriação, organização, disseminação, acesso, uso e democratização da informação para todas as áreas, setores e pessoas da sociedade. Este trabalho, por sua vez, analisa como ocorrem os processos de apropriação, disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba (BAMIDELÊ), objetivando, especificamente, traçar o perfil das mulheres que compõe a Bamidelê; compreender como essa instituição se apropria da informação étnico-racial; descrever processos de disseminação da informação étnico-racial utilizados pela Organização de Mulheres Negras da Paraíba; verificar como a informação étnico-racial é disseminada e democratizada para as mulheres negras; e, identificar as ações adotadas pela Bamidelê para a preservação da memória população negra. Para isso. 0 percurso metodológico fundamentou-se na abordagem qualitativa de pesquisa, de caráter descritivoexploratório. O universo da pesquisa foi a BAMIDELÊ, e os sujeitos foram as mulheres negras que compunham sua coordenação, além de um grupo de mulheres que são usuárias (participam ou participaram de alguma atividade desenvolvida pela entidade) que também, seguem o perfil da ONG no Facebook. Os instrumentos para coleta dos dados foi constituída por entrevistas semiestruturadas e a técnica para analisá-las se deu por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os resultados mostraram que a apropriação, disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial pela Bamidelê busca atingir vários setores e públicos distintos da sociedade, que vão desde as fontes de informação mais tradicionais até as mais contemporâneas. As considerações finais do estudo revelam que o trabalho iniciado pela Bamidelê mudou significativamente o cenário paraibano, principalmente na luta contra o racismo e o sexismo. Nesse sentido, a CI desempenha um papel importante na disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial e precisa abrir seu escopo teórico-prático, pois, o mesmo possibilitará o surgimento de novos espaços interdisciplinares.

Palavras-Chave:Bamidelê. Informação étnico-racial. Sociologia da Informação.

ABSTRACT

Information Science (IS) is field of knowledge which investigates about functioning of the processes of appropriation, organization, dissemination, access, use and democratization of information in all the fields of knowledge, sectors and members of society. Thus, this study analyzed how place the processes of dissemination, and preservation democratization Ethnic-racial information in the organization of black women (Bamidelê) in State of Paraíba/Brazil. Also it verified how Ethnicracial information is disseminated and democratized by the black women; and identified the actions used by Bamidelê Organization to preserve the cultural memory of the black population. For this, the methodological path was based on the qualitative approach of the research, descriptive and exploratory perspectives. The locus of Research was Bamidelê Organization, and the subjects of Research were black women coordinators of this Organization, beyond a group of women who were who is users of Organization (women who participate in any activity undertaken by the Organization) who also follow the Bamidele's Facebook Profile. The semistructured interviews and the Collective Subject Discourse (CSD) technique were the instruments used to data collection. The results inferred that appropriation, democratization, dissemination and preservation of Ethnic-racial information by Bamidelê Organization seeks to reach various sectors, as well as different audiences of society, ranging from more traditional sources of information to the most contemporary. The concluding remarks of the study show that the work begun by Bamidelê Organization significantly changed the Paraiba scenario, especially in the fight against racism and sexism. In this sense, the SI as field of knowledge plays an important role in the dissemination, democratization, and preservation Ethnic-racial information. The SI needs to open your theoretical and practical scope, because it may enable the emergence of new interdisciplinary spaces.

Keywords: Bamidelê. Ethnic-racial information. Sociology of Information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Características dos conceitos	37
Figura 2 -	Fontes formais utilizadas pela Bamidelê	74
Figura 3 -	Fontes informais utilizadas pela Bamidelê	75
Figura 4 -	Fontes web utilizadas pela Bamidelê	76
Figura 5 -	Ações desenvolvidas pela Bamidelê	78
Figura 6 -	Imagens dos vídeos promocionais da campanha "Moren@ não eu	
	sou negr@"	84
Figura 7 -	Material arquivado na Bamidelê	87
Figura 8 -	Página da Bamidelê no <i>Facebook</i>	90
Figura 9 -	Campanhas promovidas pela Bamidelê para o fortalecimento da	
	autoestima da mulher negra	93
Figura 10 -	Campanhas promovidas pela Bamidelê para efetivação da	
	cidadania plena	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI Associação Brasileira de Imprensa

AC Ancoragem

ACMUN Associação Cultural de Mulheres Negras

AMNB Articulação de Mulheres Negras do Brasil

BAMIDELÊ Organização de Mulheres Negras da Paraíba

CEDAPS Centro de Promoção da Saúde

CEDENPA Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará

CEN Ciências Exatas da Natureza

CHSA Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

CI Ciência da Informação

CONAQ Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas

CV Ciências da Vida

DSC Discurso do Sujeito Coletivo

ECH Expressões-Chave

FEPETI Fórum de Erradicação do Trabalho Infantil

FUNDEC Fundo Municipal de Adolescentes

GEINCOS Grupo de Estudo Integrando competências, construindo saberes,

formando cientistas

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC Ideia Central

IMENA Instituto de Mulheres Negras do Amapá

INEGRA Instituto Negras do Ceará

MNJP Movimento Negro de João Pessoa

MNOPB Movimento Negro Organizado da Paraíba

MNP Movimento Negro da ParaíbaMNPB Movimento Negro da ParaíbaMNU Movimento Negro Unificado

NEAB-Í Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

NEPIERE Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e

Relações Étnico-raciais

NZINGA Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte

OMIN Grupo de Mulheres Negras Maria do Egito

ONGS Organizações não governamentais

ONU Organização das Nações Unidas

SACI Sociedade Afrosergipana de Estudos e Cidadania

SIS Síntese de Indicadores Sociais

UEPB Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

UFPB Universidade Federal da Paraíba

UIALA MUKAJI Sociedade das Mulheres Negras de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PERCURSO METODOLÓGICO	24
3	A COMPREENSÃO DA INFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	31
3.1	O CONCEITO E O CONTEXTO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	36
4	POR UMA SOCIOLOGIA DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	39
4.1	DISSEMINAÇÃO COMO UMA FORMA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	41
4.2	APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	44
4.3	DISCUTINDO A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DA INFORMAÇÃO	
	ÉTNICO-RACIAL	47
5	ORGANIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS: DA ATUAÇÃO HISTÓRICA À	
	SOCIAL	57
5.1	ATUAÇÕES POLÍTICA E SOCIAL DAS ONGS	58
5.2	DOS MOVIMENTOS SOCIAS AS ONGS: CONFIGURANDO OS GRUPOS DE	
	MULHERES NEGRAS NO BRASIL	59
5.3	BAMIDELÊ: SUA HISTÓRIA PARA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA	
	IDENTIDADE NEGRA	61
5.3.1	A história a partir dos relatórios narrativos	62
5.3.2	Os projetos: de 2002 a 2009	64
5.3.3	A vida administrativa da BAMIDELÊ	67
6	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: A VOZ DAS MULHERES NEGRAS DA	
	PARAÍBA	69
6.1	A VOZ DA COORDENAÇÃO DA BAMIDELÊ	70
6.1.1	Fontes informacionais utilizadas pela Bamidelê para	
	disseminação da informação étnico-racial	71
6.1.2	As fontes utilizadas pela Bamidelê que ultrapassam barreiras	76

6.1.3	A informação para as mulheres negras	89
6.1.4	Democratização da informação étnico-racial para a população de	
	mulheres negras	81
6.1.5	As políticas adotadas pela Bamidelê para a preservação da	
	informação étnico-racial	85
6.2	A VOZ DAS MULHERES USUÁRIAS DA BAMIDELÊ	88
6.2.1	Fontes informação da Bamidelê utilizadas pelo público de mulheres	89
6.2.2	A informação disseminada pela Bamidelê utilizadas pelo público	
	de mulheres	90
6.2.3	A importância das informações disseminadas pela Bamidelê para	
	o fortalecimento da autoestima da mulher negra	91
6.2.4	O papel da Bamidelê para defesa da efetivação da cidadania	
	plena, principalmente das mulheres negras	94
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO -	
	(ORGANIZAÇÃO)	114
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO -	
	(PÚBLICO)	116
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	117
	ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA	119

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é uma área do conhecimento que, por essência, realiza investigações sobre o funcionamento dos processos de apropriação, organização, disseminação, acesso, uso e democratização da informação para todas as áreas, setores e pessoas da sociedade. Entretanto, essa configuração econômica, social e política de informação na CI ainda têm sido antagônica à estabilidade social, educacional e informacional bem como a autonomia e a qualificação, pois, muitas vezes, essas investigações são alcançadas apenas por uma parte do segmento dessa sociedade denominada de "informação-conhecimento-aprendizagem", sobretudo, quando debruçamos nosso olhar em questões que dizem respeito à população negra.

Ao que concerne à situação desse grupo, que têm sido objeto de estudos, pesquisas, debates e reflexões por estudiosos de diversos campos do saber, principalmente nos últimos anos, incidem sobre a responsabilidade social e o compromisso da CI cujo objeto de estudo é a informação. Contudo, ainda nos esbarramos no seguinte entrave: uma parcela considerável dos profissionais dessa área afirma que a informação está [e deve ser] voltada para o público em geral. Mas, que público em geral é esse?

Sabemos que é por meio dessa área do saber em que são processadas todas as fases (seleção, tratamento, organização, disseminação e preservação) da informação a partir de novas dinâmicas, mas ocorre que essa área ainda não se deu conta que a informação que gera conhecimento e produz saber não pode mais ser exclusivamente disseminada para os grupos privilegiados porque o saber pertence à humanidade (LÈVY, 1993; SILVA, 2010). Dessa forma, o valor da informação para além do funcionamento das máquinas está na capacidade de transformar a informação em conhecimento por meio das tecnologias intelectuais para acesso instantaneamente e uso dos indivíduos.

Sabemos que a informação circula por todas as áreas de conhecimento. Contudo, a informação que interessa a CI está presente no diálogo entre cientistas, na comunicação informal, na inovação para a indústria, na patente, na fotografia ou no objeto, no registro magnético de uma base de dados, na biblioteca virtual ou repositório (PINHEIRO, 2005). Na visão de González de Gómez (2002, p. 25),

"múltiplos são os domínios a que remete hoje o termo 'informação': da cognição dos textos, dos artefatos culturais, da infraestrutura".

Se a informação não está restrita a um único suporte ou a um determinado grupo, então é ético que os diversos setores dessa sociedade forneçam as condições para que todos os grupos (ciganos/as, judeus, indígenas, árabes, negros/as, deficientes, homossexuais, geracionais etc.) se apropriem do resultado da organização da informação nos processos de apropriação, acesso, uso, disseminação, democratização e preservação.

No Brasil, diversos grupos não tem acesso à informação. As estatísticas revelam que uma grande parcela de negros/as não tem acesso à informação no que concerne à sua contribuição na formação histórica e cultural da sociedade brasileira (BRASIL, 2009). Em sua maioria, a escola é segregacionista e privilegia os assuntos que são predominantemente eurocêntricos. Depois de ter passado mais de um século da Abolição da Escravatura é que o Governo Brasileiro reconhece o racismo devido às pressões dos movimentos negros.

A partir da década de 1970 o Movimento Negro Brasileiro adotou estratégias mais politizadas de denúncia aberta à discriminação racial e ao racismo no Brasil, incidindo em um consenso entre intelectuais negros de que a raça se constituía um conceito organizador das relações sociais no Brasil. Daí passou-se a pautar a importância de participarem da elaboração e do conteúdo da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o objetivo de desconstruir a ideologia da democracia racial reeditada, até então, na orientação de leis e diretrizes das políticas públicas (RODRIGUES, 2005). Atualmente, esses grupos são considerados porta-vozes de negros/as - pretos/as e pardos/as - que obtêm a valorização da identidade de membros socialmente marginalizados, que "construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento" (FERNANDES, 2009).

Essas estratégias resultaram na III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa realizada na cidade de Durban, África do Sul, entre os dias 31 de Agosto e 8 de Setembro de 2001. A partir daí, o Brasil assumiu um posicionamento de criar políticas públicas para combater o preconceito, discriminação e racismo e iniciativas para implementação da Lei

10.639/2003 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais de 2010 (SIS), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais da metade da população brasileira (51,1%) é classificada como preta e parda. Ainda assim, a proporção de estudantes negros/as e pardos/as entre 18 e 24 anos que cursam Ensino Superior continua sendo bem menor que a de brancos/as na mesma faixa etária. No ano de 2009, 62,6% de estudantes brancos entre 18 e 24 anos estavam na universidade, contra 28,2% dos/as negros/as e 31,8% dos/as pardos/as. A diferença também é grande entre as pessoas de 25 anos ou mais com Ensino Superior concluído. Em 2009, 4,7% dos pretos/as e 5,3% dos/as pardos/as nesta faixa etária tinha diploma de ensino superior, contra 15% dos/as brancos/as. Essa desigualdade racial também é refletida nos níveis mais básicos de educação. A proporção de analfabetos/as nas populações negras e pardas é de, respectivamente, de 13,3% e 13,4%, enquanto a proporção de brancos/as analfabetos/as é de 5,9% (IBGE, 2013).

Correlacionamente, os/as negros/as são excluídos/as dos diversos setores da sociedade da informação/conhecimento/aprendizagem e passam a coexistir com o mito da democracia racial que, "em grande medida, fora e ainda é um ideário importante para amainar e coibir preconceitos" (GUIMARÃES, 2006, p. 269). O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, teve e ainda tem uma penetração profunda na sociedade brasileira. Em sua tarefa de disseminar a ideia da convivência harmoniosa entre brancos/as e negros/as permitiu que as elites dominantes dissimulassem as desigualdades e impedissem que os membros das comunidades não-brancas tivessem consciência da presença do racismo na sociedade brasileira (RODRIGUES, 2005).

Em razão disso, uma parcela significativa dos setores dominantes continua negando a importância da raça como um fator gerador de desigualdades sociais (SILVÉRIO, 2002) na sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem. Ao assumir essa posição, ativistas, militantes e intelectuais negros/as tendem a anunciar e reafirmar a importância dessa categoria na compreensão da realidade nacional.

Na educação, quando negros/as são incluídos/as fazem parte de um sistema institucional de inclusão: submisso, diferenciado e controlado. Em suas "práticas racistas e excludentes" os materiais informativos produzidos pelas instituições "são sempre esqueléticos sobre temas de interesse" (CUNHA JÚNIOR, 2007, p. 76) dos/as negros/as, sem haver uma preocupação com essa nova sociedade que exige competências para os/as cidadãos/ãs desenvolverem suas capacidades de utilizar a informação de modo rápido e flexível e saber que tipo de informação procurar e onde procurar (ALARCÃO, 2001).

As motivações para o estudo dessa problemática têm como foco a Organização de Mulheres Negras da Paraíba - Bamidelê¹, de característica não governamental, e parceira do Movimento Negro Organizado da Paraíba - MNOPB e de outras entidades². Fundada em 2001, essa organização é formada por feministas negras cujo propósito é promover impactos sociais. Essa organização também "elabora e organiza a informação visando à formação de seus atores sociais, realiza encontros, celebrações e manifestações públicas e divulga suas atividades através dos meios de comunicação" (AQUINO, 2010, p. 8) e serve como uma fonte de informação para conhecimento da história e da cultura da população negra, sobretudo, das mulheres.

O nosso interesse pelo tema parte de inquietações que foram surgindo nas experiências que tivemos em dois momentos de atuação:

a) como bolsista de iniciação científica em duas pesquisas: A primeira, intitulada "Memória da Ciência: (in) visibilidade de negros (as) na produção de conhecimento da Universidade Federal da Paraíba" (concluída) que mostrou as dissonâncias na produção de conhecimento da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, especificamente nos trabalhos apresentados nos Encontros de Iniciação Científica - ENIC, no período de 1998 a 2008, nas três grandes áreas do conhecimento: Ciências Exatas da Natureza (CEN), Ciências Humanas e Sociais

¹ A palavra Bamidelê (bah/mih/deh/leh) é originária da ancestralidade africana (lorubá), que significa Esperança e se aproxima do significado de Esperançar. Esperançar é se levantar, é ir atrás, é construir, é não desistir! Esperançar é levar adiante, é juntar-se com outras em defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras (BAMIDELÊ, 2011).

² Comunidades descendentes de antigos Quilombos (Caiana dos Crioulos, Zumbi etc); grupos artísticos (Banda YlêOdara, Bateria Show da Escola de Samba Malandros do Morro, Grupo de Danças Afroprimitivas, Grupos de Hip-hop); grupos de formação (alfabetização, reflexão, professores, intelectuais negros e outros); grupos de arte marcial (Badauê dos Palmares, Afronagô e outros); entidades de articulação e luta em defesa dos direitos da etnia negra (Movimento da Ação Negra e Agentes de Pastoral Negros); comunidade de Religião dos Orixás (terreiros), entre outras formas de organização (MNPB, 2010).

Aplicadas (CHSA) e Ciências da Vida (CV), onde foi possível constatar que dos 8.623 artigos publicados nas mais diversas áreas do conhecimento apenas 73 foram classificados como "artigos sobre o/a negro/a", dentre os quais, 72 são das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), representando 0,85% da produção de conhecimento. A segunda "Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no MNPB" (concluída) investigou como esses processos se desenvolvem no âmbito do Movimento Negro da Paraíba - MNPB, por meio dessa pesquisa foi possível verificar a falta/inexistência de registros físicos e/ou digitais sobre o Movimento Negro que, por sua vez, dificultam o acesso à história desse grupo e a população negra como um todo;

b) no desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso intitulado "Fontes de informação na *Web*: uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba" foi possível aprofundar um conhecimento sobre os problemas e as necessidades informacionais que enfrentam negros/as, no que se refere ao acesso, uso e memória da informação em ambientes *web*, mostrando que as ferramentas mais utilizadas pelo grupo são *e-mail* e *blog* e que o uso dessas ferramentas está voltado para apropriação e disseminação de informações, com intuito de democratizar a informação sobre a população negra.

Essas experiências começaram a ganhar força a partir de nossas relações com graduandos/as, mestrandos/as e doutorandos/as que atuam no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE) e no Grupo de Estudo "Integrando competências, construindo saberes, formando cientistas" (GEINCOS). A interação com os membros desses grupos possibilitou-nos uma maior familiaridade com a temática étnico-racial e a relação com a informação na área da CI.

Os diálogos com os membros desses grupos aguçaram nossa pretensão de aprofundar conhecimentos sobre a temática étnico-racial cuja (in)visibilidade é apontada nos estudos e pesquisas e nas disciplinas, não exclusivamente nos cursos de graduação em Biblioteconomia e de pós-graduação em Ciência da Informação na UFPB, mas também em outras instituições. Observamos que os debates e as reflexões espelham o desconhecimento e a necessidade de uma maior compreensão

da história, cultura, ciência e tecnologia produzida por africanos/as e afrodescendentes na contribuição da formação da sociedade brasileira.

Os estudos e pesquisas desenvolvidos interdisciplinarmente pelos membros NEPIERE/GEINCOS contribuíram fortemente para a escolha do tema desta pesquisa, resultando em dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso de graduação, eventos e servindo como referência do estado da arte:

- a) Dissertação de mestrado: "Memória Esquecida: uma análise da informação étnico-racial no Opac da Central da Universidade Federal da Paraíba (SANTANA, 2012); "Infância negra: (im)possibilidades de afirmação da identidade étnico-racial a partir de livros infantis" (RODRIGUES, 2012); "Memória Iconográfica: uma análise da representação de negros(as) em cursos da área de saúde nas universidades públicas" (MOTA, 2012); "Fontes iconográficas e memória afrocêntrica: uma análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas do Arquivo Histórica do estado da Paraíba (SANTOS, 2012); "Mitos da cultura africana:elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantarense de Itamatatiua" (PEREIRA, 2011); "A Construção da Identidade Negra em Territórios de Maioria Afrodescendente: Uma Análise do Programa Lição de Vida" (SILVA, 2011); "Afrodescendência, Memória e Tecnologia: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial (OLIVEIRA, 2010); "Informação, Imagem e Memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra na Biblioteca da Universidade Federal do Ceará - Campus Cariri" (ELLIOTT 2010); "Entre a letra e o espírito: o discurso de professores(as) sobre estudantes negros(as) pós-implementação da Lei 10.639/2003 em escola pública" (ANDRADE, 2010); "Identidades afrodescendentes: acesso e democratização da informação" (LIMA, 2009); "(Cons)Ciência da responsabilidade social e ét(n)ica na produção de conhecimento sobre negros (as) em programas de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba" (SILVA, 2009); "Mídia e Educação: influências televisivas da formação identitária de adolescentes" (SANTIAGO, 2007); e "Biblioteca Digital Paulo Freire como dispositivo de inclusão: visão de professoras de escola pública de João Pessoa" (LIMA, 2007);
- b) **Teses de Doutorado**: "A construção de identidade das Irmandades do Rosário do Alto do Sertão Paraibano" (WANDERLEY, 2009); "Educação Jurídica: movimentos de reatualização de discursos e identidades na ótica dos Estudos

Culturais" (Em fase de conclusão); "Pela graça da mistura: a identidade negra nos (dis)cursos e nas políticas de ações afirmativas em universidades públicas do estado da Paraíba" (Em fase de conclusão); "Juventudes em Cena: percepções juvenis sobre processos identitários a partir do Projovem Urbano" (Em fase de conclusão) e; "Corpos Encarnados - Representações Identitárias e Subjetividades: um estudo interpretativo das corporeidades nas narrativas escritas para crianças do acervo do PNBE/2012" (Em fase de conclusão);

- c) Trabalho de conclusão de curso de graduação: "Informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura" (SILVA JÚNIOR, 2010); "Fontes de Informação na Web: uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba" (SILVA, 2010); "O desenvolvimento da autonomia em crianças afrodescendentes" (GOMES, 2009) e; "A responsabilidade social dos profissionais da informação na inclusão de negros/as afrodescendentes na Universidade Federal da Paraíba" (SANTANA, 2008);
- d) Participação em Eventos Organizados pelo NEPIERE/GEINCOS: "A responsabilidade ética e social das universidades públicas e a educação da população negra" (2007); "I Seminário Ciência em Ação: Possibilidades teóricometodológicos" (2009); "II Seminário Ciência em Ação: a pesquisa qualitativa: origem, desenvolvimento e algumas tendências metodológicas recentes" (2010); "II e-GEINCOS Seminário A Responsabilidade ética e social das universidades públicas e a educação da população negra: a invisibilidades dos(as) negros(as) na produção de conhecimento" (2011); e "III e-GEINCOS O Estado Brasileiro e a igualdade de direitos: desafios para além das ações afirmativas" (2013);

Diante das percepções e reflexões sobre o conhecimento obtido nessas atividades surgiram alguns questionamentos que surgiram como problemas de pesquisa: Como a organização de mulheres negras da Paraíba se apropria da informação étnico-racial para o desenvolvimento de suas atividades? Como ocorrem os processos de disseminação e democratização da informação étnico-racial na organização para a preservação da memória cultural da população negra? Como as mulheres assistidas pela organização se apropriam da informação étnico-racial para o fortalecimento da identidade afrodescendente, culminando na luta pela defesa efetiva da cidadania e implantação dos direitos humanos?

A partir dessas problemáticas emergiu o objetivo geral deste estudo: Analisar como ocorrem os processos de apropriação, disseminação, e democratização da informação étnico-racial para a preservação da memória pela organização de mulheres negras do Estado da Paraíba - Bamidelê. Assim sendo, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Traçar o perfil das mulheres negras que compõe a Bamidelê;
- b) Compreender como a informação étnico-racial é apropriada pela Bamidelê;
- Descrever os processos de disseminação da informação étnico-racial utilizados pela Organização de Mulheres Negras da Paraíba;
- d) Verificar como a informação étnico-racial é disseminada e democratizada para as mulheres negras;
- e) Identificar as ações adotadas pela Bamidelê para a preservação da memória cultural da população negra;

Acreditamos que este estudo pode servir como um meio para entendermos as mutações econômicas, políticas, sociais e culturais e perceber como esses grupos disseminam, democratizam e preservam a informação étnico-racial. Consideramos importante pesquisar sobre essa temática para reconstruir a memória coletiva de um conhecimento que auxilie na redução de preconceitos, discriminações, racismos, machismos e sexismos, humilhações e exclusões de negros/as nos diversos espaços sociais, tais como a escola, a universidade, o trabalho, bem como nas relações cotidianas (AQUINO, 2009).

A relevância pessoal, profissional, acadêmica, social, científica e informacional deste estudo encontra-se na preocupação de contribuir com novos estudos e pesquisas na área da Ciência da Informação, a fim de que pesquisadores/as e estudiosos/as possam também focar seu olhar nas questões que afetam os/as negros/as, pois fazer ciência é uma prática cultural que resulta da interação com diversos sujeitos e na relação com os fenômenos históricos, sociais e culturais, com a finalidade de produzir conhecimento como elemento de fundamental importância para solucionar problemas e promover a ciência e o bemestar da humanidade (AQUINO, 2009).

A estrutura desta dissertação está dividida em 7 (sete) capítulos, a saber:

No primeiro capítulo "Introdução" contextualizamos o tema, introduzimos a problemática do estudo, apresentamos as justificativas, refletimos as relevâncias (social, científica e pessoal), assim como operacionalizamos o objetivo geral e os específicos que norteou o desenvolvimento da pesquisa;

No segundo capítulo, "Percursos Metodológicos" apresentamos as teoriasmetodológicas basilares para o desenvolvimento da pesquisa, ancorada nos pressupostos de uma abordagem qualitativa, com recorte descritivo-exploratório, discutimos os conceitos do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), técnica que subsidiou nossa análise dos dados, contextualizamos o universo da pesquisa, caracterizamos os/as sujeitos/as da pesquisa, apresentamos os instrumentos utilizados para coleta de dados, delineamos os passos dessa coleta e descrevemos o esquema de análise dos dados;

No terceiro capítulo, "A compreensão de informação na ciência da informação" discutimos sobre o objeto de estudo da CI, que é a informação (conceitos, significados e ampliação para a noção de informação étnico-racial), articulamos o nosso objeto de estudo (informação étnico-racial) com o paradigma social de Rafael Capurro, a fim de contextualizá-la dentro do campo da CI, e, discorremos sobre o contexto e o conceito da informação étnico-racial;

No quarto capítulo, "Por uma sociologia da informação étnico-racial" incitamos a discussão em torno dacontribuição da sociologia para o campo da CI e sua relação intrínseca com os conceitos de apropriação, disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial;

No quinto capítulo "Organizações de mulheres negras: da função histórica à social" recapitulamos alguns fragmentos da história das organizações e movimentos sociais, debatemos sobre a função política e social das ONGs, caracterizamos os grupos de mulheres negras no Brasil, apresentamos a Bamidelê e sua história para construção e afirmação da identidade negra, a partir dos relatórios narrativos, elencando os projetos desenvolvidos de 2002 a 2009 e como se dá sua organicidade cotidiana;

No sexto capítulo "**Discurso do sujeito coletivo:** a voz das mulheres negras da Paraíba" apresentamos os resultados da pesquisa, segmentado em duas seções: a voz da coordenação da Bamidelê, onde expomos as fontes utilizadas pela Bamidelê para disseminação da informação étnico-racial, a informação especifica

para as mulheres negras, a democratização da informação étnico-racial para a população de mulheres negras e as políticas adotadas para a preservação da informação étnico-racial; depois, a voz das mulheres usuárias da Bamidelê, suas perspectivas, o uso que elas fazem das fontes, a importância dessas informações para o fortalecimento da sua autoestima e o papel da ONG para defesa da efetivação da cidadania plena, sobretudo das mulheres negras;

E por fim, no sétimo capítulo "Considerações Finais" apresentamos os possíveis desdobramentos que podem ser realizados a partir desse estudo, refletimos sobre a atuação da Bamidelê e entidades similares, na construção/formação dos indivíduos, dos grupos e das nações e propomos diretrizes voltadas para o campo da Ciência da informação, na perspectiva deste estudo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Estudos sobre os processos de organização da informação étnico-racial partem do princípio de que as Ciências Sociais Aplicadas precisam realizar práticas efetivas e específicas que modifiquem concretamente a situação que torna os negros invisíveis (CUNHA JÚNIOR, 2005). Exige-se que qualquer campo da ciência assuma sua responsabilidade ético-social na produção de conhecimento com a finalidade de buscar soluções que ajudem a resolver os problemas existentes na sociedade, sejam eles físicos, estruturais, sociais ou culturais (AQUINO, 2009).

O fundamento metodológico deste estudo é a abordagem qualitativa que se propõe a responder questões particulares inerentes às Ciências Sociais. Essa área de conhecimento trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais aprofundado das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (AQUINO, 2009).

Sendo assim, a abordagem qualitativa dá "[...] um novo sentido aos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados" ela nos incita "a repensar o estudo das necessidades socioculturais dos meios de vida" (GROULX, 2008, p. 98) e permite ressaltar "a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam a investigação" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23), entendendo que os/as pesquisadores/as qualitativos "buscam soluções para resolver as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significados" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Os autores Alves e Aquino (2012) ao fazer um estudo sobre a pesquisa qualitativa, suas origens, desenvolvimentos e utilizações nas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI da UFPB, de 2008 a 2012, alertam que:

No campo da pesquisa social, a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais (ALVES; AQUINO, 2012, p. 81).

Nesse sentido, o caráter da abordagem qualitativa possibilita uma articulação com a pesquisa interpretativa e considera a história, a cultura, o lugar e as comunidades do local em que se desenvolve (AQUINO, 2009; CUNHA JÚNIOR, 2006). Também se associa com a descritiva, pois se detém em colocar "a questão dos mecanismos e dos atores (o 'como e 'o quê' dos fenômenos), por meio da precisão dos detalhes. Essa abordagem fornece informações contextuais que poderão servir de base para pesquisas" mais aprofundadas (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 130). É de caráter exploratório porquanto "possibilita [ao pesquisador] familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações" e "explorar determinadas questões [...] que, dificilmente, o pesquisador que recorre a métodos quantitativos consegue abordar" (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 130).

O universo da pesquisa de campo foi a Organização de Mulheres Negras da Paraíba - BAMIDELÊ porque essa organização se posiciona como porta-voz da população negra, especificamente das mulheres negras, e obtém a valorização da identidade de membros socialmente marginalizados que "construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento" (FERNANDES, 2009, *online*).

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 4 (quatro) mulheres que compõem a coordenação/direção da Bamidelê, e um grupo de mulheres de 5 (cinco) que são usuárias (participam ou participaram de alguma atividade desenvolvida pela entidade) e também, seguem o perfil da ONG no *Facebook*³. Para a coleta de dados, adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa, pois, segundo Minayo (2005), o sujeito tem uma participação ativa e o/a pesquisador/a pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões que visem a uma melhor compreensão do objeto de análise.

Para a análise dos discursos dos sujeitos participantes desta pesquisa, optamos pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que tem por finalidade reunir os discursos semelhantes e complementares dos sujeitos em um único discurso. Este discurso representa a manifestação do pensamento do grupo em relação a um tema específico e "resume o exposto nas várias expressões-chave, levando em conta as ideias centrais ou as ancoragens, que são comuns a um determinado discurso" (ALMEIDA, 2005, p. 71).

2

³Fanpage da Bamidelê, disponível em: https://www.facebook.com/negrasbamidele. Acesso em: jan. 2014.

O DSC marca sua forte relação com a teoria das representações sociais que se baseia na Sociologia e se aproxima dos princípios da sociologia durkheimniana. Durkheim compreende o fenômeno das representações como 'representações coletivas⁴'. Há discordância entre Durkheim e Moscovici. Este diz que a expressão utilizada por Durkheim "designa de uma maneira, estática e fixa, as representações produzidas na sociedade, e prefere usar a expressão 'representações sociais'" (MOSCOVICI 2003, p. 47).

No Brasil, os estudos de representações sociais são fundamentados em um conjunto de princípios e conceitos operacionais, tomado da Semiótica de Pierce e da Teoria das Representações Sociais⁵, representadas pelo pensador romeno Serge Moscovici⁶ (2003) e a pensadora francesa Denise Jodelet (2001).

A aproximação da Semiótica traz e maneja a noção de signo e representa alguma coisa, o objeto de referência, que por este é determinado (PEIRCE, 1972). Na Semiótica peirceana, o foco está na evolução dos significados, sendo a convenção fixa apenas um estado e não o princípio que rege a vida dos signos. Na visão de Almeida (2005), "o processo de representação somente é concluído quando o signo dá origem a outro tipo de signo que o interpreta, chamado de interpretante. O interpretante é o terceiro correlato do signo, sendo signo (primeiro), objeto (segundo) e interpretante (terceiro)" (ALMEIDA, 2005, p. 68). No DSC, o discurso é entendido como um signo de um objeto que evolui nas várias leituras que recebe e se afasta do objeto de representação cada vez que é realizada uma nova leitura (ALMEIDA, 2005, p. 68).

No Brasil, temos Fernando Lefèvre e Ana Maria Lefèvre que começaram a aprimorar a técnica do DSC a partir dos trabalhos de Simioni, Lefèvre e Azevedo (1991) e Simioni (1996) mostrando a possibilidade de uma nova proposta metodológica, que culminaram no primeiro livro "O Discurso do Sujeito Coletivo" (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEXEIRA, 2000). A partir desse ponto o DSC vem ganhando evidência no meio acadêmico, embora ainda não seja amplamente utilizado, e

4

⁴"Significam realidades e fenômenos exteriores ao indivíduo. Elas firmam-se sobre as consciências individuais e sustentam a conduta dos sujeitos por elas afetados" (ALMEIDA, 2005, p.63). Sua natureza é superior às representações individuais, devido ao coletivo mostrar-se superior ao particular.

⁵ Essa teoria se originou na Europa, em 1961, com a publicação da obra, *La Psychanalyse: sonimage et son public*. Nasceu na Psicologia Social e se estendeu para os campos da Sociologia, da Antropologia, da Educação, da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

⁶É consensual entre os estudiosos das representações sociais que o conceito de representação foi criado por Moscovici.

sendo motivador de uma extensa produção bibliográfica⁷ encabeçada por Lefèvre e Lefèvre.

O DSC provém de estudos desses campos de conhecimento e difere daqueles pouco abertos e flexíveis e que se encaminham em direção à neutralidade para se lidar com os dados discursivos. Isso implica "a compreensão da construção social do conhecimento, obtida nas representações sociais, e a confirmação da distância inevitável entre discurso e pensamento" (ALMEIDA, 2005, p. 75).

Almeida (2005), em diálogo com Moscovici, entende as realidades como medidas pelas representações, em que "[...] uma de suas funções principais é de dar significados de aspectos dessa realidade" (ALMEIDA, 2005, p. 71). O conceito de realidade é o ponto de partida para melhor compreendermos as Representações Sociais como "a elaboração, por uma coletividade, sob indução social, de uma concepção de uma tarefa que não leva em conta a 'realidade' do comportamento social, mas a organização do funcionamento cognitivo de grupo" (SÊGA, 2000, p. 128).

Uma questão se coloca: Como ocorrem as representações sociais? Em suas reflexões, Almeida (2005, p. 61) tenta responder afirmando que "as representações sociais manifestam-se como um conjunto de imagens que dá sentido a um determinado objeto de representação (fatos, situações, sujeitos e coisas): são compartilhadas com os outros indivíduos participantes de um mesmo grupo". O ato de representar subtende uma relação entre os elementos disponíveis no fenômeno observado e as representações já construídas e assentadas na consciência de grupo.

Para Almeida (2005), as representações sociais pressupõem também escolhas individuais que se ligam às normas de preferência e aos valores cultivados por uma comunidade. Nesse contexto, o indivíduo não representa o mundo sem o auxílio de categorias, classes e modelos que, por sua vez, são originados no grupo e comunicados por seus integrantes. É por meio das interações que as representações da realidade social são construídas (ALMEIDA, 2005).

A partir dessa consideração, é possível "resgatar as representações sociais, os conhecimentos construídos pelos sujeitos em interações sociais, as quais proporcionam o fundamento da ação dos sujeitos" (ALMEIDA, 2005, p. 60). Esse autor afirma que a DSC retrata o pensamento coletivo de sujeitos que formam uma

_

⁷ Disponível em: http://www.ipdsc.com.br/scp/index.php.

determinada população, pois os indivíduos pensam, têm opiniões, constroem e emitem representações sobre diversos assuntos, ou seja, "o DSC permite visualizar melhor a representação social de determinado fenômeno, pois ela se apresenta como um discurso, da forma como os indivíduos pensam" (SALES; SOUZA; JOHN, 2007, p. 140).

Essa teoria das representações sociais tem por objetivo orientar as ações das pessoas, ligando "sujeito e objeto do conhecimento". O DSC coleta "depoimentos [...] um ou vários discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, expediente que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se essa coletividade fosse o emissor de um discurso" (LEFÈVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003, p. 68).

Caracteriza-se ainda como uma proposta de organização de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, papers, revistas especializadas, etc. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Essa técnica de análise nos permite perceber as particularidades e as generalidades do discurso de um grupo, a partir do agrupamento dos discursos individuais dos sujeitos que o compõem.

O discurso coletivo é a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo, construído pelo pesquisador [...] os autores referem-se a uma primeira pessoa coletiva, visto que o sujeito individual fala também em nome do grupo ao qual pertence. Suas suposições, considerações e análises a respeito de um tema dado são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas (ALMEIDA, 2005, p. 70).

Também podemos entendê-la como uma técnica de análise que une os discursos semelhantes e complementares do sujeito em um único discurso e representa a manifestação do pensamento do grupo em relação a um tema específico. O DSC "resume o exposto nas várias expressões-chave, levando em conta as ideias centrais ou as ancoragens, que são comuns a um determinado discurso; além disso, deve ser redigido em primeira pessoa do singular" (ALMEIDA, 2005, p. 71). Pressupomos que essa técnica de análise pode permitir compreender bem mais as ideias e esquematizá-las, por entender que

^[...] coletivizar o discurso é a tentativa de reconstruir o pensamento social, em sua natureza, mostrando-se sempre que necessário: especificidades, detalhes, expressões diferentes com o mesmo sentido ou semelhantes, conflitos e contradições. O fato de tornarem coletivos os

discursos particulares não significa totalizá-los, ou melhor, homogeneizar as especificidades dos sujeitos. É, antes de tudo, agrupá-los no que eles têm em comum. Os discursos conflitantes são resgatados e reconhecidos pelo DSC, assim como estão presentes no pensamento social, e mesmo nos pensamentos de uma pessoa (ALMEIDA, 2005, p. 74-75).

Tal técnica de análise propõe conceitos operacionais básicos, a saber: as expressões-chave (ECH), a ideia central (IC) e a ancoragem (AC). As ECH são fragmentos do texto ou da entrevista na transcrição literal do discurso do sujeito. Essas expressões podem ser contínuas ou descontínuas e revelam a "essência" do conteúdo do depoimento coletado. São fundamentais para a "confecção do DSC" por isso precisam ser coletadas adequadamente (LEFÈVRE; LEFÈVFRE, 2012, p. 73). A IC é "a descrição, precisa e direta, dos significados do conjunto dos discursos que foram analisados e destacados nas expressões-chave [...] descreve o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo" (ALMEIDA, 2005, p. 71) que também recebe o nome de categoria. E a AC é a "figura metodológica" remetida pelas ECH, "que indica a teoria, o pressuposto, a corrente de pensamento e o fundo do conhecimento que o sujeito aceita e compartilha de uma maneira natural para representar um dado fenômeno da realidade" (ALMEIDA, 2005, p. 71).

Essa técnica consiste em selecionar a resposta individual de cada questão formulada. As ECH são trechos mais significativos das respostas e correspondem às IC que são a síntese do conteúdo discursivo manifestado nas ECH. Com o material das IC retiradas das ECH, "constróem-se discursos-síntese, na primeira pessoa do singular, que são os DSCs, em que o pensamento de um grupo ou coletividade aparece como se fosse um discurso individual" (LEFEVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003, p. 68). Ainda sobre a AC, Almeida (2005, p. 71) diz que essa figura "inspirase na teoria das representações sociais porque trata a ancoragem como um dos processos fundamentais para a construção das representações sociais de um grupo".

[...] A manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença, que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para 'enquadrar' uma situação específica (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17).

O uso dessa técnica é apropriado para o estudo de conjuntos de discursos, formações discursivas ou representações sociais. Adapta-se a pesquisas sociais,

propiciando "o levantamento de representações (pensamentos) dos sujeitos que devem ser consideradas como um discurso da realidade" (ALMEIDA, 2005, p. 71).

Em se tratando dos preparos para coleta de dados, Sales, Souza e John (2007) advertem que ao adotar o DSC alguns passos devam ser levados em consideração. São eles: a escolha dos sujeitos; a elaboração do roteiro de perguntas; o preparo dos/as entrevistadores/as; o preparo do ambiente para a entrevista; o preparo do equipamento para gravação; e, não menos importante, cuidado com o clima de informalidade durante a entrevista.

No caso deste estudo, o sujeito coletivo é a voz da Bamidelê que se manifesta na primeira pessoa do singular. O entrevistado (sujeito individual) é aquele (mulher negra) que fala em nome do grupo (sujeito coletivo) ao qual pertence. O resultado das suposições, considerações e análises representam o sujeito individual e o sujeito coletivo, entendido como "um ser ou entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 518).

A primeira pessoa do singular é o regime natural de funcionamento das opiniões ou representações sociais e um recurso para viabilizar as próprias representações sociais como fatos atinentes a coletividades qualitativas (de discursos) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006). Tal sujeito, para além do "nós", é muito utilizado nas pesquisas tradicionais, expressando apenas "um tipo muito particular de sujeito coletivo que fala; e também menos, já que um único sujeito também pode ser um sujeito coletivo" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 518).

Por meio do DSC é possível obter-se a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo, construído pela pesquisadora, em que aparecem os traços do pensamento da coletividade em que os participantes da pesquisa estão envolvidos, expressando, assim, o que e como o grupo pensa.

Antes de adentrar na análise dos dados, iremos apresentar o corpo teórico utilizado para fundamentar a nossa pesquisa, pois estão contidos nele os elementos primordiais que darão subsídio à análise.

3 A COMPREENSÃO DA INFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O fenômeno da informação se tornou mais presente na vida da sociedade moderna e contemporânea. Sendo assim, sua área de ação e atuação foi crescendo cada vez mais até sua identificação com a sociedade contemporânea, qualificada como sociedade da informação (FREIRE, 2006), conhecimento e aprendizagem. Mas que "informação" é essa de que tanto falamos? Se ela é tão imprescindível e pode estar presente em todos os lugares, suportes e contextos, por que classificá-la como o objetivo de uma única ciência?

A questão em destaque é que a informação é identificada como objeto de estudo de vários campos de conhecimento e, por conseguinte, as questões abordadas na CI têm sido também objeto de muitas disciplinas fragmentadas (WERSIG, 1993). Tendo em vista tal premissa, a informação é considerada como objeto multifacetado, sendo possível reconhecer também sua complexidade constitutiva no espaço dos diversos campos do conhecimento, que nos direciona a uma abstrusa delimitação do objeto de estudo da CI no âmbito do interdisciplinar.

Para compreender a especificidade da informação que interessa a CI, recorreremos a Capurro e Hjorland (2007, p. 193) que afirmam:

Existem muitos conceitos de informação e eles estão inseridos em estruturas teóricas mais ou menos explícitas. Quando se estuda informação, é fácil perder a orientação. Portanto, é importante fazer a pergunta pragmática: 'Que diferença faz se usamos uma ou outra teoria ou conceito de informação?' Essa tarefa é difícil porque muitas abordagens envolvem conceitos implícitos ou vagos que devem ser esclarecidos. (...) Deveríamos também perguntar a nós mesmos o que mais precisamos saber sobre o conceito de informação a fim de contribuir para maior desenvolvimento da CI.

O ponto de vista desses teóricos serve para entendermos o que é a informação, uma vez que ela é interdisciplinar e varia de acordo com o objeto de estudo, o usuário e o *lócus* de pesquisa. Entendemos que os estudos que tratam da informação, além de se preocupar com a epistemologia, precisam ser desenvolvidos a partir de como essa informação é construída, sem esquecer que é composta de vários contextos, e carregada de uma multiplicidade particular de cada objeto/usuário/lugar de informação. E que o conhecimento que se tem sobre a CI "é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita" (ALARCÃO, 2001. p. 14).

Como já foi dito por Pinheiro (2004), a informação que interessa a CI pode estar presente no diálogo entre cientistas, na comunicação informal, na inovação para a indústria, na patente, na fotografia ou no objeto, no registro magnético de uma base de dados ou na biblioteca virtual ou no repositório, tendo a tarefa de processar todas as suas fases para transformá-la em conhecimento.

Do ponto de vista de Zeman (1970), a concepção de informação pode ser pensada sob duas óticas diferentes: idealista e materialista. Essa é uma discussão que passou filósofos como Aristóteles, Descartes, Hegel, entre outros. Zeman (1970) tece um primeiro entendimento do que a informação seria. Vista como a classificação de alguma coisa, a classificação de símbolos e de suas ligações em uma relação, a informação seria a qualidade de algum material.

Ao explorar a informação enquanto artefato, ou seja, enquanto resultado da ação humana, Pacheco (1995) alerta-nos para o fato de que a informação "tem cristalizado em sua forma o tempo e o espaço de sua confecção" (PACHECO, 1995, p. 21). Significa que, para um dado se tornar informação ele precisa ter significado e, para isso, está subordinado ao contexto específico de sua criação. Embora saibamos que a informação enquanto vista como um artefato pode ser recontextualizada, ela "não existe fora do tempo, fora do processo: ela aumenta, diminui, transporta-se e conserva-se no tempo" (ZEMAN, 1970).

Nesse ponto continuamos o diálogo com esse autor ao abordar oprocesso de "reenergização da informação", que seria a transformação da informação potencial de um artefato, exemplificando um livro, em informação atual, ou seja, a releitura deste livro e a criação de novos significados. O processo de recepção/assimilação da informação é parte importante no trabalho de Zeman (1970) que, ao explorar os fluxos da informação, alerta-nos para a questão da redundância da mesma, o que pode minimizar o processo de assimilação.

Na relação entre a informação e o conhecimento, o conhecimento consiste da percepção, da quantidade de informação que conseguimos reter. Essa informação pode ser adicionada de três formas diferentes, através da informação real, aquela plenamente percebida, da informação que é debilmente percebida e da informação recebida de forma inconsciente (ZEMAN, 1970). Da informação ao conhecimento, podemos identificar que existem vários tipos de atividades envolvidas como: aquisição; processamento material ou físico; processamento

intelectual; transmissão; utilização; e assimilação e todos os processos, fontes e estados interagem constantemente e são interdependentes (PINHEIRO, 2004).

A informação enquanto objeto de estudo está sempre envolta por um complexo processo de significação, sujeito a externalidades e internalidades que interferem na sua interpretação, e, consequentemente, no seu uso. Sendo assim, para uma plena compreensão do que seria a informação faz-se necessário que discutamos outros conceitos, a exemplo do conceito de conhecimento e do conceito de cultura.

Dessa forma, recorremos a Wersig (1993) que apresenta a perspectiva dos interconceitos, dando-nos a liberdade para "redesenhar" esses conceitos de acordo com a visão da CI, pois cada vez mais fica difícil isolar suas especificidades. Sendo assim, dirimimos nossa problemática, pois ela não se refere a lugar e/ou suporte onde essa informação esteja, mas na organização, tratamento e recuperação dessa informação. Corroboramos essa afirmação com os preceitos de Borko (1968. p. 3) ao afirmar que a "CI é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar". Também Saracevic (1996, p. 60) ao expor o problema proposto pela CI, afirma que é "a tarefa massiva de tornar mais acessível um acervo crescente de conhecimento".

Na CI, a literatura científica sobre usuários produzida até a década de 1970, no plano internacional, e até o começo da década de 1990, no Brasil, normalmente identifica esse campo como composto por estudos de uso de informação, de perfil de comunidades de usuários e de avaliação de sistemas e serviços de informação (FIGUEIREDO, 1994). Trata-se de um campo desenvolvido ao longo de algumas décadas, com forte caráter empiricista, voltado para a aplicação de métodos prioritariamente quantitativos na busca de padrões e regularidades do comportamento dos usuários para o estabelecimento de leis "científicas" sobre o uso da informação.

A evolução teórica do campo da Ciência da Informação como um todo, contudo, tomou um caminho um pouco diferente daquele vivenciado especificamente no campo dos estudos de usuários. Na sistematização de Capurro (2003), o campo da CI teria vivenciado, desde seu surgimento, três grandes formas

de se estudar a informação - que ele denomina "paradigmas". Assim, cruzando as duas matrizes apresentadas até aqui (a dos Estudos de Usuários e a da CI).

A partir do paradigma social, defendido por este autor, pretendemos discutir a informação como forma de abrir campos de práticas sociais, políticas, econômicas e culturais, pois essa concepção nos permitiria identificar os campos de força institucional, tecnológico, político, econômico, social e cultural que configuram características públicas e sociais da informação em nosso tempo.

Para Capurro (2003, *online*), paradigma é "um modelo que nos permite ver uma coisa em analogia a outra". Segundo este autor, o contexto da CI pode ser entendido a partir de três paradigmas: físico, cognitivo e social. No seu texto "Epistemologia e Ciência da Informação", apresentado no Encontro Nacional de Ciência da Informação- ENANCIB, em 2003, ele analisou o conceito de paradigma e identificou o escopo da investigação epistemológica no campo da ciência da informação, na qual são aprofundados os três paradigmas epistemológicos supracitados.

Em um primeiro momento, apresenta o paradigma físico tomando como ponto de partida a teoria de Shannon e Weaver e mencionando os experimentos de Cranfield e a teoria da "informação-como-coisa" de Michael Buckland. Em um segundo momento, discorre sobre o paradigma cognitivo, representado por B.C. Brookes, Nicholas Belkin, PerttiVakkari e Peter Ingwersen. Por fim, traz o paradigma social que tem suas origens na obra de Jesse Shera e, atualmente, é representado pelas teorias de BerndFrohmann, BirgerHjørland, Rafael Capurro e SørenBrier.

Nesse sentido, uma primeira referência seria a proposta da "epistemologia social" de Shera (que serviu, aliás, de inspiração para Capurro discorrer sobre o paradigma social). Ainda nas décadas de 1960 e 1970, Shera propunha a criação de uma nova disciplina para estudar a inserção social do conhecimento humano, isto é, as interações entre os processos intelectuais (conhecimento produzido) e as atividades humanas e sociais. Trata-se, em sua visão, de uma disciplina que "deveria fornecer uma estrutura para a investigação eficiente de todo o complexo problema dos processos intelectuais das sociedades - um estudo pelo qual a sociedade como um todo procura uma relação perceptiva para seu ambiente total" (SHERA, 1977, p. 11).

Desenvolvido por Hjørland, o paradigma social-epistemológico tem o seu estudo em campos cognitivos e sua relação direta com comunidades discursivas, ou seja, este paradigma dá conta do indivíduo imerso na sociedade moderna. Ao contrário do paradigma físico que buscava um processo de comunicação, baseado na teoria da informação, com uma linguagem perfeita em um ambiente ideal, o paradigma social reconhece as múltiplas possibilidades de significação por parte do receptor. Para Hjorjand, a partir do surgimento desse paradigma é apresentado um novo conceito para CI, que agora é vista como "o estudo das relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidade de usuários" (HJØRLAND, 2003).

De acordo com Hjørland (2003) os critérios desses estudos não versam apenas sobre a realidade (o que é ou não real, o que é ou não belo, ético, etc.), mas principalmente a critérios de julgamento da informação (boa ou ruim completa ou incompleta, exata ou inexata). Nesse sentido, somos conformados por consensos coletivos, os quais também não se impõem mecanicamente sobre nós - pois somos nós que os construímos.

As pesquisas que fazem parte desse paradigma entendem "a diferença entre mensagem, ou oferta de sentido, e informação, ou seleção de sentido" e observam "a diferença crucial de uma disciplina entendida assim como teoria das mensagens e não só como teoria da informação" (CAPURRO, 2003, *online*). Ao pensar em seleção, somos remetidos à ideia de relevância, fundamental para se trabalhar com a informação. O autor lembra que o conceito de relevância tem que ser levado em consideração nesse paradigma em relação ao processo hermenêutico dos usuários, capaz de interpretar suas necessidades, em relação a si próprios, ao intermediário e ao sistema.

Como nosso estudo está inserido dentro do campo da CI e à luz dos estudos de Capurro (2003), o caracterizamos principalmente dentro do paradigma social no qual há o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação que aspiram ao paradigma físico e o cognitivo, visto que todo sistema de informação está destinado a sustentar a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso

de conhecimentos devendo ser concebido no marco de um grupo social concreto e para áreas determinadas.

3.2 O CONCEITO E O CONTEXTO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

O estudo acerca do conceito de "informação étnico-racial" foi desenvolvido por Oliveira (2010) em sua dissertação, defendida no curso de mestrado em Ciência da Informação e intitulada "Afrodescendência, Memória e Tecnologia: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto A Cor da Cultura". Para esse autor, a urgência de um conceito que abarcasse as especificidades dessa informação era necessária para que, mesmo sendo uma delimitação orientada pelo campo da CI, fosse um conceito que se fundamentasse na historicidade dos elementos e que, de alguma forma, o constituíssem (OLIVEIRA, 2010).

Afinal, entendia o autor, que todo conceito deveria ter uma história, ou seja, existiria "um problema situado na história e na sociedade, que exige até certo ponto uma conceituação específica para que possa caminhar para a sua resolução" (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 483). No caso deste estudo, o problema conceitual fundamenta-se nas relações étnico-raciais e na necessidade de disseminar e democratizar o acesso e uso da informação para diversos grupos étnicos, especificamente afrodescendentes.

Nesse contexto, para dar conta da construção conceitual, o autor elaborou uma série de enunciados que, articulados, constituíram o conceito geral de informação étnico-racial:

a informação étnico-racial é informação; é inscrita num suporte físico; os suportes físicos são diversos (tradicionais ou digitais); é passiva de significação; a significação é feita pelos sujeitos; é mediada pela linguagem; pode produzir conhecimento; diz respeito a um grupo étnico; etnia contém elementos históricos e culturais; afirmação da história e cultura de uma etnia (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 484-485).

Para esses autores, os enunciados acima construídos, de forma objetiva, carregam fortes elementos subjetivos. Eles são constituídos por elementos que articulam a estruturação unitária da informação étnico-racial e o resultado da compilação destes enunciados é o conceito geral da informação étnico-racial mediante os artefatos linguísticos, como demonstram na figura 1.

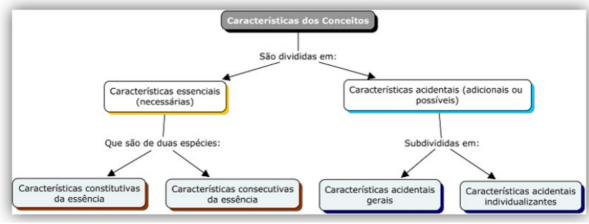


Figura 1 - Características dos conceitos

Fonte: Oliveira e Aquino (2012, p. 485)

Pensando assim, o conceito de informação étnico-racial para Oliveira (2010, p. 56) é "todo elemento inscrito num suporte físico [com] o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerar [a] diversidade humana", servindo de referência para a "reforma de pensamento" sobre a temática étnico-racial.

Para Oliveira (2012), o conceito de informação étnico-racial engloba a documentação legal, os textos didáticos, os manifestos, as bibliografias, as iconografias, ou seja, todo material informacional visual e não-visual - oral, escrito, digital - oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das Organizações não governamentais (ONGs), Movimento Negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc., os quais são produzidos com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira, dentre outras políticas que tratam e regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana (OLIVEIRA, 2010).

Corroboramos com a opinião desse autor e afirmamos que a elaboração do conceito de informação étnico-racial, à luz de um diálogo interdisciplinar abre um espaço de investigações no campo da Ciência da Informação como área de produção do conhecimento científico a partir de possíveis correlações deste conceito aos diversos suportes, mídias, estratégias de geração, produção, acesso e uso da informação, bem como estudos sobre a informação étnico-racial nas diversas fontes e canais informacionais. E, também alça a tomada de consciência dos

pesquisadores desse campo científico em relação a sua responsabilidade éticosocial para com os grupos sociais.

4 POR UMA SOCIOLOGIA DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

O objeto deste estudo demanda que se trabalhe com a informação étnicoracial incorporando um conceito que agrega duas especificidades: uma diz respeito
aos conteúdos disponibilizados nos diversos suportes informacionais e outra refere
à potencialidade do modo como o conhecimento é produzido acerca dos
fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais de um grupo étnico (OLIVEIRA,
2010). Sendo assim, essas especificidades nos direcionam para as vertentes da
disseminação, democratização e preservação da informação a serem discutidas
nesta pesquisa.

Supomos que os processos de disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial, quando apropriados por entidades como a Bamidelê, podem servir para reforçar os canais de luta em favor da população negra e representar a memória cultural deixada pelos antepassados africanos. Essas explanações reafirmam os objetivos traçados pela Ciência da Informação desde a sua primeira formulação surgida a partir de trabalhos apresentados no "Georgia Tech" e, atualmente, se configuram dentro do que chamamos Sociologia da Informação.

Robredo (2003) dialogando com Shera e Cleveland (1977) reafirma que a Cl "[...] investiga as propriedades e comportamentos da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso" (ROBREDO, 2003, p. 55). Consideramos, assim, que a informação, entendida como objeto estudo da Cl, pode ser estudada e trabalhada dentro de dois grandes grupos: Representação e Sociologia. O processo de representação da informação trabalha com a origem, seleção, coleta, indexação, catalogação, organização, armazenamento, recuperação e interpretação da informação (sistema/usuário/a). Já a Sociologia se preocupa com apropriação, disseminação, democratização (engloba acesso e uso) e preservação da informação.

Tais processos correlacionam-se com discussões mais contemporâneas que defendem a ideia da CI como uma ciência social que se debruça sobre "as questões científicas" e a prática profissional cuja finalidade é abordar "os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos,

no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação [...]" (SARACEVIC, 1996, p. 47). Nessa perspectiva, ela tem a responsabilidade de, por meio de pesquisadores/as dessa área, resolver e/ou buscar soluções por meio da informação para atender aos problemas relacionados ao racismo, discriminação e preconceito que afetam os/as negros/as na sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem. Sendo assim, é importante conhecer o contexto sociocultural das mulheres negras, atuar como agente de disseminação e ser facilitador/a do uso da informação no sentido de incluir aqueles/as que se encontram às margens dessa sociedade e desvinculados/as do exercício da democracia.

Compreendemos, portanto, que uma das formas de minimizar essa situação de exclusão é:

pensar sociologicamente [porque] pode nos tornar mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, daí decorrendo sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes além das experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis (BAUMAN, 2010, p. 25).

A Sociologia tem a função de detectar e buscar soluções para os problemas sociais. Sendo assim, com base nos fundamentos da Sociologia a CI pode buscar uma integração social a fim de criar uma relação democrática com a sociedade, levando em consideração os princípios de liberdade, igualdade, participação, diversidade e solidariedade que a Sociologia busca (SOUZA, 1993).

Considerado um campo ainda pouco explorado pela CI, a Sociologia da Informação, enquanto disciplina, pretende investigar "o fenômeno informacional como objeto de estudo sociológico", a informação, o conhecimento e a ideologia, as "sociabilidades e relações de poder na sociedade da informação e/ou conhecimento", a "informação e mudança social", a "globalização e a informação/mercadoria" entre outros (UFPB, 2011, p. 27). Nessa direção, Bauman (2010, p. 25) afirma:

É possível então apreciar melhor o indivíduo humano contido nesse coletivo e talvez aprender a respeitar que toda a sociedade civilizada tem de se garantir para se sustentar: O direito de cada membro do coletivo escolher e pôr em prática maneiras de viver de acordo com suas preferências.

Entendemos assim, que esse estudo faz parte do universo de uma Sociologia da Informação, pois pretende dotar-se de conhecimentos sobre o impacto social da

informação nas sociedades modernas no âmbito das principais teorias sobre a comunicação de massas e sobre a sociedade de informação no contexto em que esta informação desdobra-se em múltiplas dimensões enquanto bem de valor social, ideológico e econômico.

4.1 DISSEMINAÇÃO COMO UMA FORMA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

A disseminação da informação é comumente interpretada como equivalente à de difusão ou mesmo de divulgação. Esta última "assume formas variadas, dirigidas ou não que geram inúmeros produtos e serviços, dependendo do enfoque, da prioridade conferida às partes ou aos aspectos da informação e dos meios utilizados para sua operacionalização" (LARA; CONTI, 2003, p. 26). Como já foi dito e redito por vários autores da área da CI, a disseminação da informação "para aqueles que dela necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o motivo real" (WERSIG; NEVELLING, 2007, online) da CI.

Nessa perspectiva, Barros (2003) sugere que, no processo de disseminação da informação, o profissional dessa área precisa considerar:

- a) o conhecimento sobre o usuário da informação, suas necessidades reais e seus desejos;
- b) a formação e a educação continuada do profissional da informação (bibliotecário e sua equipe), que atentem também para os problemas sociais advindos do baixo nível informacional das sociedades e assimilem que a informação pode reverter esse quadro, por meio de (muito) esforço objetivo e de atuação consciente;
- c) a contribuição dada pelo exercício do papel de formador de cidadãos pelo profissional da informação, cônscio da sua própria cidadania e da postura política assumida no cotidiano;
- d) a disseminação da informação não é neutra; envolve uma carga ideológica de risco, mas que não permite inanição ou indiferença;

e) a disseminação da informação, em que pesem todas as reflexões e os aportes teóricos sobre seu estatuto, ocorre pela concretização da prática, que envolve serviços e produtos informacionais, de acordo com o perfil do público-alvo/usuário que, nem sempre, sabe que é cidadão e que tem assegurado, entre outros, o direito à informação.

A sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem supõe novos papéis do/da bibliotecário/a como agente da disseminação da informação, no sentido de incluir negros/as. É necessário conhecer o contexto social para o exercício de seu papel de agente de disseminação e facilitar o uso da informação.

Para Aquino (2010), a disseminação da informação étnico-racial é também uma responsabilidade ético-social da CI. Acreditamos, nesse sentido, que "disseminar" a informação étnico-racial não é suficiente para alcançar os objetivos de responsabilidade ético-social da CI, mas faz-se necessário também que essa área democratize e preserve essa informação. Consequentemente para democratizar é imprescindível ampliar o acesso dos/as cidadãos/ãs aos diversos tipos de informação, a fim de que se apropriem dos conteúdos materiais, históricos e culturais produzidos pela humanidade ao longo da vida (AQUINO, 2010). O que acontece é que, por muito tempo, os conteúdos históricos de descendência africana "foramsepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais" (FOUCAULT, 1979, p. 170) e/ou oficializadas pela história oficial de forma equivocada.

uma coisa inteiramente diferente: uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade (FOUCAULT, 1979, p. 170).

Com o reconhecimento do racismo pelo Estado Brasileiro, o ativismo negro luta pela promoção das desigualdades e as leis⁸, bem como "o reaparecimento dos

_

⁸ A Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"; A atualização desta, para a Lei 11. 645, de 10 de março de 2011 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"; A Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989 que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor; E, mais recente a implementação da Lei de Cotas raciais e sociais (Lei nº 12.711/2012) nas universidades e institutos federais

saberes que estão embaixo – saberes não qualificados, e mesmo desqualificados" (FOUCAULT, 1979, p. 170). Os ativistas questionam os conteúdos da história oficial dogmatizadas nas instituições educativas instigando os/os pesquisadores/as para começarem a narrar outra história, dar visibilidade a negros/as, produzir conhecimento e debaterem nos simpósios, colóquios e seminários. Na verdade, tenta-se desconstruir "o negro como objeto de escapelação" perpetrada por literatura e pelos chamados 'antropólogos' e 'sociológos' para distinguir as expressões "tema do negro" e "vida do negro". Nesse sentido, o sociólogo Guerreiro Ramos projeta essa desconstrução, afirmando que:

o negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco [...] e o negro-vida é , entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (RAMOS, 1995, p. 215).

Essa compreensão direciona-nos para a ideia de "cultura democrática" que, segundo Touraine (1996, p. 29),

só pode surgir se a sociedade política é concebida como uma construção institucional cujo objetivo principal é combinar a liberdade dos indivíduos e coletividades com a unidade da atividade econômica e das regras jurídicas. [...]. A cultura democrática define-se como um esforço de combinação entre unidade e diversidade, liberdade e integração. [...]. É preciso cessar de opor, retoricamente, o poder da maioria aos direitos das minorias.

Democratizar a informação é a condição fundamental para o exercício da soberania popular. O direito ao acesso à informação é de grande importância para uma sociedade ser democrática, educada e informada, pois esse acesso tem o propósito de desenvolver o potencial criativo e intelectual dos indivíduos e dar sentido às ações dos homens no cotidiano, permitindo-lhes o exercício de cidadania (FERREIRA, 2003).

Comentam Pavão e Lima (2002, p. 41) que "o pleno exercício da cidadania exige dos indivíduos conhecimento de ciência e tecnologia, especialmente daquelas tecnologias relativas ao cotidiano". Dessa forma, a consciência de cidadania é percebida no modo como o indivíduo se percebe como integrante de um coletivo, cuja condição pode garantir a luta por direitos que o conduzam e o integrem nesse

coletivo sejam direitos sociais e/ou culturais em que todos possam ser tratados pelos parâmetros da igualdade racial.

As entidades e as organizações que atuam e trabalham diretamente com a disseminação e a democratização da informação étnico-racial são os movimentos negros. Tal organização objetiva reativar a noção de pertencimento, de identidade grupal e agir em prol de sua inclusão num contexto em que a representatividade política propicia autonomia apenas aos grupos brancos que detêm o poder econômico. A ação do Movimento Negro opera na reversão desse quadro, em que os sujeitos estão imbuídos de um engajamento convergente para a "vontade de mudança e reapropriação da sociedade" (TOURAINE; KHOSROKHAVAR, 2004, p. 159).

Entendemos que, para além do processo de disseminação da informação, está a democratização. Sobre essa questão, Demo (2000, p. 39) afirma que "já é comum a queixa de que estamos entupidos de informação, cercados de um bombardeio do qual já não temos qualquer controle". A partir das conjecturas desse autor podemos perceber o caráter excessivamente manipulativo da informação hoje. "A sociedade continua bastante "desinformada", seja porque lhe chega tendencialmente informação residual, ou porque se lhe impõe informação oficial, ou porque se entope atabalhoadamente" (DEMO, 2000, p. 40). Nesse sentido, democratizar a informação nos parece uma tarefa ardil, pois implica em desconstruir as receitas prontas e provocar o desafio de criar, mudar, refazer e reaprender.

4.2 APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

O termo apropriação é o "ato de apropriar ou apropriar-se, acomodação, adaptação, tomar para si; apossar-se" (DICIONÁRIO... 2013). Estudando a noção de apropriação, Serfaty-Garzon (2003, tradução nossa) afirma que a noção de apropriação veicula duas ideias dominantes: a adaptação de algo ou alguma coisa que serve para usar ou ajustar para um destino específico e a outra surge a partir da primeira ação para fazer algo próprio.

Ainda de acordo com essa autora, a apropriação não é possível senão em relação a qualquer coisa que pode ser atribuída e, enquanto tal pode, ao mesmo tempo, servir de suporte à intervenção humana e ser possuída. Para ela, a

apropriação se configura como uma tomada do objeto e uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social com uma intenção de construção do sujeito. Sendo a apropriação fruto de algo que passa pela moral, cognição e emoção do indivíduo, pois independente da propriedade legal, a coisa apropriada ainda pode ser sobreposta ao individuo, "sem um pré-requisito nem uma consequência necessária" (SERFATY-GARZON, 2003, p. 2, tradução nossa). Para essa autora, a apropriação é, portanto, uma apreensão do objeto, uma ação dinâmica no mundo material e uma intenção que auxilia na construção do sujeito (SERFATY-GARZON, 2003).

Outro autor que também apresenta o conceito de apropriação é Chartier (1999, p. 77). Segundo ele, "apropriar-se é transformar o que se recebe em algo próprio, é produzir um ato de diferenciação que se contrapõe a qualquer tentativa rígida imposta [...], é atividade de invenção, produção de significados" (CHARTIER, 1995, p. 6). Em sua obra, "A História Cultural: entre práticas e representações", ele coloca a apropriação como um processo entre o texto¹⁰ e o sujeito que lê, como uma "teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo" (CHARTIER, 1990, p. 187).

Chartier (1995) esclarece que os agenciamentos discursivos e as categorias que os fundam, como os sistemas de classificação, os critérios de recorte e os modos de se representar não se reduzem absolutamente às ideias que enunciam ou aos temas que contêm, mas têm sua lógica própria e uma lógica que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, como letra da mensagem,

[...] que enfatiza a pluralidade dos usos e dos entendimentos, se afasta, de saída, do sentido dado ao conceito por Michel Foucault quando coloca 'a apropriação social dos discursos' como um dos mais importantes procedimentos por meio dos quais os discursos são dominados e confiscados pelas instituições ou pelos grupos que se arrogam o direito de exercer um controle exclusivo sobre eles. Ele também se afasta do sentido que a hermenêutica dá à apropriação, quando a representa como o momento em que a 'aplicação' de uma configuração narrativa particular à situação do sujeito transforma, pela interpretação, a compreensão que esse tem de si mesmo e do mundo, transformando assim, também, sua experiência fenomenológica tida como universal. A apropriação tal como entendemos, visa a elaboração de uma história social dos usos e das

¹⁰ Aqui entendemos o *texto*, no seu sentido mais amplo, seja ele, obras literárias ou extraliterárias, artísticas e não artísticas, impresso ou digital.

^

⁹Citação original: "l'appropriation est ainsi à lafois une saisie de l'objet et une dynamique d'actionsurle monde matériel et social dans une intention de constructiondusujet" (SERFATY-GARZON, 2003, p. 2).

interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem. Prestar, assim, atenção às condições e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga história intelectual, que nem as ideias nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1995, p. 6).

Sendo assim, percebemos que a noção de apropriação, utilizada como instrumento de conhecimento, pode também reintroduzir uma nova ilusão que pressupõe compreender a cultura, vista sob dois aspectos: 1) os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitável, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes, desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima e; 2) as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de se apropriar do que é imposto.

No que diz respeito à apropriação de uma informação étnico-racial, entendemos que essa apropriação se dá a partir do momento em que o/a sujeito/a (mulher negra) tem o contato com essa informação, a toma para si e modifica as estruturas do pensamento, produzindo e ampliando novos significados, como também possibilita a ressignificação de atitudes, ações e comportamentos.

Em relação à apropriação dessa informação, alguns autores estabelecem considerações sobre os espaços de informação e os usuários a partir de dois aspectos:

a tecnologia [...], que objetiva possibilitar o maior e melhor acesso à informação disponível, e o critério da Ciência da Informação, que intervém para qualificar esse acesso em termos das competências que o receptor da informação deve ter para assimilar a informação, ou seja, para elaborar a informação para seu uso, seu desenvolvimento pessoal e dos seus espaços de convivência. Não é suficiente que a mensagem esteja disponível, ela deve também poder ser apropriada pelo receptor (SMIT; BARRETO, 2002, p. 15, grifo nosso).

Com base nesse argumento, reafirmamos a importância da apropriação da informação étnico-racial para aqueles/as que dela necessitem, e não, apenas sejam utilizadas pelo/a usuário/a de informação, pois acreditamos que a cultura, hoje, passe exatamente pelo conhecimento teórico-prático, pelo uso de novos instrumentos de produção e pela comunicação entre os homens.

Na área da CI, presencia-se uma busca no sentido de capacitar o futuro profissional para auxiliá-lo a compreender o valor da informação e reconhecer sua importância política, social, econômica e cultural. Trata-se de contribuir com os conhecimentos de áreas que lidam com a informação e podem ser articulados aos conhecimentos da educação, numa perspectiva interdisciplinar, auxiliando no exercício da cidadania (AQUINO, 2010). Essa tarefa requer a apropriação da informação.

4.3 DISCUTINDO A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

A literatura vem analisando os processos de produção da memória em nossa contemporaneidade colocando-se como um importante produtor de significados. É, portanto, a capacidade de preservar determinadas informações essenciais para a elaboração da experiência individual e do conhecimento de natureza científica, filosófica ou técnica.

Corroborando com o pensamento de Fontanelli (2005, p. 17) afirmamos que "o estudo da memória é antigo". Já no fim do século XIX, surgiram trabalhos sobre o tema em vários campos de reflexão, em virtude das alterações nas relações humanas advindas da urbanização, que tentava dissipar as lembranças individuais e designar um presente absoluto, rompendo com o passado. A autora ainda cita os trabalhos de Henri Bergson, de Sigmund Freud e de Marcel Proust como os primeiros indícios acerca dessa problemática.

De acordo com essa autora, o conceito de memória, em linhas gerais, segue os referenciais do pensamento da Idade Média. Contudo, foi no século XX que os trabalhos realizados por Maurice Halbwachs e Walter Benjamin, desde os anos de 1920, começaram a se preocupar com a memória enquanto um bem coletivo tão caro a toda a sociedade. Fontanelli (2005, p. 17), em interlocução com Worcman (1999) afirma que

os seres humanos possuem e preservam, das mais variadas formas, memórias e lembranças que permitem o processo de reconstrução do passado e lhes dão a possibilidade de perceber a própria existência e se reconhecer como indivíduos.

A corrente mais subjetivista afirma que a memória funciona como agente possível na criação de subjetividades. É preciso também observar as funções do corpo e suas potencialidades em relação às imagens que lhe são exteriores, pois "os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles". Em sua obra "Matéria e Memória", Bergson (1990) afirma que com o corpo construímos subjetivamente os objetos e as relações com o mundo. Nesse sentido, a imagem é também memória porque é dela que extraímos os fatos/acontecimentos que configuram nossa forma de relação em sociedade ou com outros objetos. Portanto, nossa ação sobre as coisas identificando-as como imagem/lembrança ou remidiatizando-as como imagem-ação. Ampliando seu pensamento sobre a relação objetos e imagens, Bergson (1990, p. 72) afirma

o que constitui o mundo material [...] são objetos, ou, se preferirem, imagens, cujas partes agem e reagem todas através de movimentos umas sobre as outras. E o que constitui nossa percepção pura é, no seio mesmo dessas imagens, nossa ação nascente que se desenha. [...] A partir daí, toda diferença é abolida entre a percepção e a lembrança, já que o passado é por essência o que não atua mais, e que ao se desconhecer esse caráter do passado se é incapaz de distingui-lo realmente do presente, ou seja, do atuante.

Nesse sentido, a memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente e condensa também em uma única intuição. Os momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela.

Nas palavras de Bergson (1990, p. 113), "meu presente é aquilo que me interessa o que vive para mim e, para dizer tudo, o que me impele à ação, enquanto meu passado é essencialmente impotente". De acordo com o autor, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia.

Ele diz que, se a matéria, enquanto extensão no espaço deve ser definida como um presente que não cessa de recomeçar, nosso presente inversamente é a própria materialidade de nossa existência, ou seja, um conjunto de sensações e de movimentos. Compreendemos que "a questão é precisamente saber se o passado deixou de existir, ou se ele simplesmente deixou de ser útil". Bergson (1990) mostra que o corpo é "sempre voltado para a ação" e que tem por função limitar a

vida do espírito. Ou seja, em relação a representação, nosso corpo é um instrumento de seleção. Não cria representações e não as guarda em sua fisiologia.

Portanto, a memória, ou melhor, o espírito é algo diverso da matéria. Em outras palavras, "a mesma observação psicológica que nos revelou a distinção da matéria e do espírito nos faz ver sua união". Isso porque é possível indicar que a percepção, embora faça parte mais das coisas que de nós, tem sempre o auxílio da memória, ou antes, do espírito.

Seguindo essa linha de pensamento, Ricoeur (2007) afirma que nós representamos um acontecimento do passado ou temos dele uma imagem que pode ser visual ou auditiva, entendendo que a linguagem faz da memória uma província da imaginação. E essa, por sua vez, considerada em si mesma é situada na parte inferior da escala dos modos de conhecimento das coisas externas ao corpo humano.

Na perspectiva interacionista, a memória é sempre conflituosa, porque sendo seletiva resulta de enquadramentos, esquecimentos e silêncios (POLLAK, 1992). Esse autor afirma que a memória é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. E sendo assim, a "memória oficial" pode passar por instabilidades e receber conceituações contraditórias quanto a sua interpretação, gerando conflitos em torno da memória (CANDAU, 2011).

Halbwachs (2006) argumenta que para a memória se tornar ativa é preciso estabelecer traços fazendo o papel de um elo. O autor compreende a memória coletiva como algo partilhado, transmitido e também construído pelo grupo ou sociedade. Sendo assim, se nossa memória é formada por inúmeras pessoas que formam grupos sociais e, que são nossas referências pessoais, as narrativas criadas para dar conta de uma fantasia imaginária também são fruto desta memória coletiva. O autor afirma que todos nós possuímos memórias coletivas e individuais que se inter-relacionam, porém não se misturam.

Ao discorrer sobre os tipos de memória (interior, pessoal e autobiográfica), Halbwachs se apoia na segunda (exterior, social e histórica), pois, de acordo com seus estudos, a história da nossa vida se insere na história em geral. Sendo assim, a memória histórica pode ser comparada a um cemitério, onde o espaço é medido, e é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas. De modo genérico, a

memória é algo em permanente processo de transformação; aglutina-se, retira-se; confrontam-se lembranças de acordo com as transformações do indivíduo e de seu meio social (HALBWACHS, 2006).

Para Halbwachs (2006), não há este tipo de memória sem que se desenvolva num quadro espacial. É sobre o nosso espaço que devemos voltar para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças:

não é certo que para poder recordar é necessário se transportar com o pensamento fora do espaço, pelo contrário, é a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar através do tempo, e de encontrar o passado dentro do presente, que é precisamente a forma em que pode definir-se a memória, somente o espaço é tão estável que pode durar sem envelhecer nem perder alguma de suas partes (HALBWACHS, 1991 apud SILVA, 2009, p. 4, tradução do autor).

Nesse sentido, a memória é o passado se encontrando no presente. O espaço é fundamental para isso, pois as recordações serão sempre vivas ao deparar-se com ele e, para compreender o universo mental de um povo, é preciso mergulhar no seu mundo, viver sua vida, no tempo e no espaço. Para explicitar essa questão, Halbwachs (2006, p. 51) novamente nos auxilia com relação à construção da memória ao dizer que,

a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em seu conjunto.

O que significa que a relação com o grupo é fundamental para a perpetuação da memória. A falta de convívio e de troca é um dos elementos que podem levar ao esquecimento. Nesse ponto, individual e coletivo se inter-relacionam.

Ricoeur (2007) toma emprestado de Bergson (1990) a "coisa" lembrada, pois ela é simplesmente identificada a um acontecimento singular, que se repete a cada leitura do texto memorizado do qual lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos em determinada circunstância particular. Para o autor, as "coisas" aprendidas ou adquiridas, assim como os acontecimentos de que trata a história documentária, assumem proposicional que lhes confere o estatuto de fato. Esses fatos que podem ser chamados de adquiridos se caracterizam como "sendo do passado" comum de nossas lembranças.

Concordando com Candau (2011), acreditamos que a memória é a força geradora de identidade, pois memória e identidade se entrecruzam indissociáveis,

se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade pelo menos individualmente.

Os registros, nos diversos suportes, desde as pinturas nas cavernas aos atuais DVDs só podem ser utilizados pela humanidade se forem preservados e devidamente conservados. A importância da criação da imprensa por Gutenberg se deu pelo fato da mesma ter se tornado mais fácil e até mesmo palpável a produção da humanidade. Contudo, esse contato só se torna possível e viável, porque faz muito tempo que existe a preocupação com a organização da produção humana no que tange à produção intelectual, artística e mesmo cotidiana (FONTANELLI, 2007).

A relação da memória com as técnicas (ou suportes) é antiga, conforme afirmam Ferreira e Amaral (2004, p.138):

A memória não pode existir sem o suporte técnico, como algo puramente cerebral; o passado não pode sobreviver sem os suportes técnicos que nos inscrevem numa determinada cultura, tradição. Posto que a memória não é possível sem artifícios como a linguagem, a escrita, falar de memória é falar de esquecimento.

Ao refletir sobre o "esquecimento", Ricoeur (2007) adjetiva-o enquanto "o emblema de quão vulnerável é nossa condição histórica". O autor nos apresenta o esquecimento como uma existência inconsciente do recordar-se que pode reaparecer com a força da impressão original e atesta nossa persistência na existência. Ele acredita que há esquecimento onde houve marca, por isso se relaciona com a memória e a fidelidade ao passado, sendo seu pólo oposto. Nesse sentido,

o esquecimento propõe uma nova significação dada à ideia de profundidade que a fenomenologia da memória e tende a identificar como distância, como o afastamento, segundo uma fórmula horizontal da profundidade; o esquecimento propõe, no plano existencial, uma espécie de perspectivação a que metáfora da profundidade vertical tenta exprimir (RICOUER, 2007, p. 424).

Para exemplificar essa reflexão de Ricoeur (2007) sobre o esquecimento, o filme "Uma cidade sem passado" (1990) potencializa as discussões atuais em torno das memórias silenciadas ou esquecidas. Além disso, também mostra como a memória sobre o passado consiste em algo para ser rememorado ou esquecido visto

que, na época em que se passa o filme, os alemães viviam um momento de vergonha pelos acontecimentos provocados pelo regime nazista.

Podemos assim dizer que o esquecido não é só o inimigo da memória e da história, mas também pode ser uma figura positiva do esquecido. O "esquecido de reserva" que constitui um recurso irredutível e "reversível" a qualquer balanço de fiabilidade com o passado por meio da memória ou da história. O esquecimento, enquanto apagamento, só pode ser alcançado pelo signo da lembrança do próprio esquecimento (RICOUER, 2007).

Com relação às sociedades consideradas orais, que antecedem a invenção da escrita, todo o saber era transmitido oralmente aos indivíduos por meio de narrações, ritos e mitos. A memória e a tradição eram inscritas e preservadas nas mentes dos integrantes do grupo e repassadas por gerações (MONTEIRO; CARELLI, 2007).

Nesse sentido, Monteiro e Carelli (2007) percebem que "o esquecimento nas sociedades orais estava sempre presente, uma vez que tudo o que não fosse reiterado e repetido, constantemente, estaria condenado ao esquecimento". E que, para preservar a memória, ritos e mitos eram repetidos quase intocados, pelas rodas das gerações. "Nada era transmitido sem que fosse observado, escutado, repetido, imitado e atuado pelas próprias pessoas ou pela comunidade como um todo" (MONTEIRO; CARELLI, 2007).

Com o advento da escrita, surgiu um segundo momento em que "acontecimentos e as descobertas marcantes de nossa história passaram a ser registrados em documentos, a fim de se preservar nossa memória, desde as pinturas rupestres (imagens) até os signos e as letras" (AQUINO et al., 2010, p. 13). Nesse momento da cultura da escrita, "o saber torna-se disponível, estocado, consultável, comparável, deixando de ser apenas aquilo que é útil no dia-a-dia para ser um objeto suscetível de análise e exame" (MONTEIRO; CARELLI, 2007). Ainda com a escrita e, sobretudo, com a imprensa, a quantidade de informações registradas aumentou, consideravelmente, favorecendo a criação de arquivos, bibliotecas, museus e outras unidades de informação.

Com o registro da informação foi possível reformular teorias, ideias e princípios em vários campos do saber que intensificaram o processo de expansão das tecnologias (AQUINO et al., 2010). Nesse último momento da evolução, o

digital supõe um olhar mais cuidadoso das áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia em relação aos suportes informáticos produzidos e usados nesse novo paradigma informacional.

A cultura digital, materializada em disquetes, CDs, cartão de memória, pendrive, mp3 players, iPOD, palms e outros dispositivos de memória, conjuntamente com os meios tradicionais, em suporte de papel (livros, periódicos, entre outros), precisa ser catalogada e armazenada nas bibliotecas, centros de informação, laboratórios etc., de maneira sistemática, de modo a permitir o acesso e a transmissão de informação possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Fontanelli (2007, p. 23) utiliza-se da tão conhecida frase "devemos aprender com o passado" para ilustrar a importância da preservação da memória coletiva e da apropriação desta pelo historiador [profissional da informação]. Ao analisar e escrever sobre os acontecimentos, ele se torna o divulgador daquela memória que, mesmo sendo uma representação, possui valor e, certamente, auxiliará as pessoas em suas atitudes futuras.

Para Medeiros (2005) a importância de conservar um objeto, que consideramos parte de um patrimônio, está no fato deste se constituir registro material da cultura, da expressão artística, de pensar e sentir de uma comunidade em determinada época e lugar, um registro de sua história, dos saberes, das técnicas e instrumentos que utilizava. O pensamento de Lisboa (2012, p. 3) se apresenta para afirmar que:

Na memória biológica do ser humano, a lembrança é fruto do exercício da imaginação, do uso da oralidade, da audição e da visão. No meio digital, para revisitarmos o passado, entramos em contato com dados e informações sob o filtro da percepção humana, que resguarda suas características e seus limites.

Pensando nisso, voltamos aos dias atuais e refletimos: Será possível "encontrar alguém que nunca tenha recorrido à internet e os buscadores como o Google para "lembrar" de alguma informação?" (LISBOA, 2011, p. 9). No caso da informação étnico-racial, a preservação engloba, de maneira mais ampla, todas as ações que beneficiam a manutenção do bem histórico e cultural. Todavia, as tecnologias intelectuais têm transformado a maneira de lembrar e isso está evidente. Essa nova maneira não substitui a forma convencional e natural de relembrar o passado, apenas acrescenta a essa "memória natural" as ferramentas

tecnológicas, que se pode considerar como "memória artificial" (BERWANGER, 2010), as quais contribuem para a ampliação da capacidade de lembrança.

A preocupação com a preservação dos saberes (informações) cresceu com o advento e constante crescimento do Ciberespaço (cultura digital), um meio virtual de disponibilização de informações e conhecimentos caracterizados pelo seu caráter desterritorializado (MONTEIRO; CARELLI, 2007). A importância de preservar um bem, mesmo estando presente na cultura oral, escrita ou digital tem o mesmo significado de preservação, pois independe da forma como a informação esteja representada, guardando bens significativos para uma cidade, um país ou toda a humanidade.

Ao discutir sobre a memória na CI, Oliveira e Rodrigues (2011, p. 323) afirmam que:

Os locais nos quais os cientistas da informação exercem suas práticas - arquivos, bibliotecas e museus - considerados 'lugares de memória', bem como a memória das instituições resulta em apropriações dos conceitos de memória social e memória coletiva e no emprego de múltiplas extensões, tais como: instituições de memória, centros de memória, arquivos de memória e entidade de memória. Ainda referindo-nos às extensões, são constantes as referências a uma dinâmica da memória possibilitada pela informação registrada: construção, reconstrução, formação, manutenção, recuperação, preservação, conservação, valorização, incorporação, interação, exclusão e destruição da memória.

Para Costa (2010), o registro da produção cultural de um povo é a possibilidade mais poderosa para oferecer informações sobre seu desenvolvimento, rever o passado e poder reinventar o futuro através da descoberta de atos e novos conhecimentos. É importante ressaltar que os objetivos da CI como "construção de arquivos, notação de dados, organização de eventos e celebrações são atividades da memória que cumprem papéis sociais fundamentais na sociedade em que vivemos" (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 99).

Nas concepções mais atuais de preservação da informação entendemos que fundamentalmente deve atrelar-se ao acesso. Dentre os vários campos que atuam os/as profissionais da informação nos últimos anos, a digitalização de documentos é um dos procedimentos que vem se tornando um instrumento de fundamental importância para a preservação e disseminação da informação de forma universal, pois visa reduzir custos, tempo e distância, fazendo com que os usuários se interconectem cada vez mais com as tecnologias que estão surgindo, dando-lhes

condições para acessarem a informação desejada do lugar que esteja numa fração de segundos.

O processo de digitalização implica em duplicar visando também o acesso, o que estaria para além do ato de difundir (VIDAL CID, 2011). Através desse recurso, não só as bibliotecas, arquivos e/ou centros de documentação, mas também organizações (privadas e/ou públicas) buscam acompanhar esse desenvolvimento tecnológico proporcionando o acesso a informações existentes e gerenciando as que estão surgindo no meio digital. Por meio da digitalização, as informações disseminadas também servem para manter viva a memória coletiva e social dos sujeitos. Entendendo que a memória só faz sentido se, depois de organizada e tornada disponível ao público, puder ser disseminada por meio de suportes informacionais.

Nesse sentido, a preservação da memória se configura como um dos grandes temas em destaque nos últimos anos. A preocupação com a conservação de registros de memória, nos diferentes contextos e suportes, justifica a reflexão sobre o perigo de esquecer ou perder tais registros, que se configuram como fator determinante para construção identitária do indivíduo e que, relatam fatos históricos marcantes de uma determinada sociedade.

Nessa perspectiva, democratizar a informação étnico-racial implica dar oportunidades a diversos grupos e, sobretudo, contribuir para que se apropriem da história do povo negro, facilitar a comunicação e a divulgação de encontros, as manifestações públicas e a criação de novas memórias que vão sendo registradas com o decorrer do tempo (DUARTE; AQUINO, 2011). As informações disseminadas e democratizadas do povo negro servem para construir uma memória coletiva e individual desses sujeitos marcados por uma sociedade que invisibilizou sua história e cultura. Segundo Barros (2003, p. 79) essa

memória só faz sentido se, após organizada e tornada disponível ao público, puder ser disseminada por meio de produtos informacionais, de tal forma que se permita não só a socialização do conhecimento, mas também a produção de conhecimento inspirada no acervo constituído.

Assim como Costa (2010), entendemos que uma das mais cruéis formas de se apagar a autoestima de um povo é deixar que sua cultura se perca, seja esquecida. Nesse contexto, precisamos avançar no sentido de definir políticas, estratégias e acões que invistam em capacitação de recursos humanos e reconheçam a

importância da preservação da memória no meio físico ou virtual como fator primordial para construção de identidades, compreensão da sociedade, geradora de realidades e modificadora de estruturas.

Sendo assim, é preciso pensar em políticas de preservação da informação étnico-racial, pensar em "possibilidades de armazenar e preservar a informação, do meio físico para o virtual (digitalização), e de pensar e criar medidas para preservar a informação existente apenas no meio virtual" (SILVA, 2010, p. 54). É importante enfatizar que a preservação da informação não deve ser feita tendo-se em vista ela mesma, mas a relação significativa que tem, posto que a função da informação preservada seja prolongar a existência de um fragmento da realidade que tem relevância como referência a uma ação passada.

5 ORGANIZAÇÕES DE MULHERES NEGRAS: DA ATUAÇÃO HISTÓRICA À SOCIAL

Para falarmos das organizações de mulheres negras, precisamos recorrer, a princípio, a trajetória do Movimento Negro no Brasil ou pelo menos o que inicialmente podemos identificar como posição de protesto dos homens e mulheres de cor, que não teve, como se pensa, sua gênese na década de 1970, durante a reabertura democrática; período em que eclodiram diversas "revoluções" na sociedade brasileira. Muito antes de existir um movimento negro de base sólida, que surgiu concomitantemente à aparição dos movimentos sociais e organizações sindicais, a questão racial já na década de 20 ganhava porte de luta social das classes subalternas (XAVIER, 2010).

Os/as negros/as conseguiram de imediato a libertação para mais tarde se integrar à sociedade do trabalho, mas novamente tiveram como função servir aos brancos. Em protesto a esse tipo de situação pela qual os/as negros/as passavam, submetendo-se ao empregador de maneira a repetir a relação existente entre senhor feudal e escravo, foram surgindo as primeiras aspirações de organizações no meio dessa população.

Fernandes (1978) revela as mobilizações de grupos negros durante a primeira metade do século XX em São Paulo, organizados em prol da "tomada da consciência, de crítica e de repulsa à situação do negro". Essas associações existiram no período compreendido entre 1927 e 1945, porém muitas tiveram curta duração; foram poucas as que deram continuidade às suas atividades.

Contudo, no final da década de 1970, a manifestação do povo negro fez eclodir uma forte organização: o Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978, em meio ao contexto da Ditadura Militar estava em declínio no país. O MNU foi o resultado da efusão dos ânimos diante do assassinato de Robson Silveira da Luz, trabalhador negro que foi agredido até a morte por policiais, em São Paulo. O fato gerou fortes protestos dos movimentos negros e naquele momento iniciava uma articulação ampla entre si (XAVIER, 2010).

O MNU foi quem lutou incessantemente pela implantação da lei contra discriminação racial no Brasil vindo a ser promulgada em 05 de Janeiro de 1989 uma grande conquista para os/as negros/as do Brasil. Essa lei passou a considerar

qualquer ato de discriminação contra homens, mulheres, crianças, adolescentes ou jovens negros/as como um ato criminoso.

Daí por diante, o MNU impulsionou o surgimento de outras organizações pelo Brasil. Na Paraíba, em 1979 surgiu o Movimento Negro de João Pessoa (MNJP) que veio a se consolidar no final dos anos 90, daí por diante denominado Movimento Negro da Paraíba. O MNP abriu espaço para que diversos outros grupos surgissem com o propósito de valorizar e defender o povo negro, hoje congregado dentro do movimento maior.

5.1 ATUAÇÕES POLÍTICA E SOCIAL DAS ONGS

A maior parte do que hoje conhecemos como ONGs teve sua gênese na década de 60, sendo interrompida pelo golpe militar. Nesse momento tais entidades não se identificavam enquanto "não-governamentais", mas como parte integrante da vida sociopolítica brasileira como entidades caritativas que tinham o propósito de atender as demandas oriundas da população, tais como organização comunitária ou algum tipo de assistência (FROZ, 2005).

Outros tipos de entidades ou ONGs surgiram da necessidade de engajamento dos indivíduos os grandes problemas da sociedade brasileira, atuando em conjunto com outros organismos de luta social, entre eles os movimentos sociais. As ONGs tiveram importante atuação na luta ela retomada da democracia, no entanto eram os movimentos sociais que tinham uma luta mais ativa assumindo o papel principal nas lutas de causas coletivas. Cabia às ONGs contribuírem para a organização e articulação dos movimentos, além de transferirem para eles os recursos capitados dos organismos internacionais (FROZ, 2005).

Nos anos 80, acontece uma inversão dos papéis de ONGs e movimentos sociais, causada pelas mudanças societárias. Observa-se que, o número de ONGs aumentou em detrimento da quantidade dos movimentos sociais. As ONGs passaram a ganhar autonomia, pois não estavam mais atreladas aos movimentos e, atualmente, constituem um universo próprio no cenário das organizações populares, com distintas formas de expressões e atuações. Isso não quer dizer que os movimentos sociais se esgotassem, pelo contrário, estes se reestruturaram e continuam atuando frente aos problemas sociais, alguns mais fortes do que nunca.

As ONGs e os Movimentos Sociais para além dos seus conceitos devem ser analisados à luz das ações que desenvolvem na sociedade, pois são expressões do seu movimento dialético e integram a categoria sociedade civil, onde ocorrem as relações entre os organismos de participação política. Dessa maneira, seus conceitos mudam de acordo com o movimento contraditório da sociedade (FROZ, 2005).

Ao tratar do papel das ONGs na atualidade, a autora Sônia Beatriz dos. Santos (2009), em seu artigo "As ONGs de mulheres negras no Brasil" coloca que elas continuam tendo papel fundamental no debate e na negociação entre Estado e sociedade civil - em níveis local, regional, nacional e global -, desenvolvimento de estratégias de confrontamento das desigualdades raciais, de gênero, sociais, e de orientação sexual, bem como da violência, dos entraves nas áreas de saúde, educação, emprego, dentre outros (SANTOS, 2009, p. 280).

Atualmente, ONGs e movimentos sociais vêm assumindo funções relevantes, pois podem ser mecanismos importantes para que os sujeitos sociais possam se expressar e lutar por melhores condições de vida. Portanto, ambos são formas de ações coletivas, dotados de contradições, mas fundamentais no atual momento político brasileiro.

5.2 DOS MOVIMENTOS SOCIAS ÀS ONGS: CONFIGURANDO OS GRUPOS DE MULHRES NEGRAS NO BRASIL

Uma causa bem específica dos grupos de mulheres negras é a questão da mulher negra. Mas não só. A Negritude também é incluída como proposta temática inclusa nas causas defendidas por estes movimentos. Numa sociedade machista e racista como a brasileira, ser mulher negra é receber dupla carga de preconceito. Mesmo que pareça reles a afirmação, a mulher negra é vitimada socialmente pelo somatório da cor e do sexo, sendo, pois, duplamente discriminada.

Assim como o próprio Movimento Negro, já na década de 1930, surgia uma associação de mulheres negras, o Centro Cívico Beneficente Senhoras Mães Pretas. Em 1975, evidencia-se outra mobilização, durante um encontro promovido pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no qual um grupo de mulheres negras formulou um documento contestando a condição desse segmento da sociedade. Mas

entre a década de 80 e 90 é que os movimentos de mulheres negras começaram a se formar e se consolidar no Brasil. Eventos em âmbito internacional, já em 90 - A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo, em 1994 e A Conferência Mundial sobre a Mulher em Beijing, em 1995, promovidos pela ONU, possibilitaram a mobilização das mulheres negras de várias partes do mundo (XAVIER, 2010).

Em 1992, durante o I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, realizado em Santo Domingos, instituiu-se a data de 25 de julho como o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, comemorado com eventos especiais pelas organizações de mulheres negras em todo o mundo. No Brasil, um importante passo para o segmento foi a criação da Articulação de Mulheres Negras do Brasil (AMNB), no ano 2000, rede composta por ONGs de todo o país, que fortaleceu movimentos por todo o território brasileiro e influenciou novas organizações.

A AMNB é atualmente constituída de 23 organizações provenientes das diferentes regiões do Brasil. Criada com o objetivo inicial de permitir o protagonismo das mulheres negras durante o processo de realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (África do Sul, 2002), após a Conferência, a AMNB passa a se dedicar ao monitoramento das recomendações e do Plano de Ação e a formulação de estratégias de desenvolvimento inclusivo para o Brasil, centradas na proteção e na promoção dos direitos; na geração de oportunidades no mundo do trabalho na cidade e no campo; na igualdade de tratamento na vida e no respeito à diversidade humana, sem racismo, sexismo, lesbofobia ou classismo seja para o Brasil ou para a América Latina (AMNB, 2013).

As Organizações integrantes são: ACMUN - Associação Cultural de Mulheres Negras - RS, Bamidelê - Organização de Mulheres Negras da Paraíba - PB, CACES - RJ, Casa da Mulher Catarina - SC, Casa Laudelina de Campos Melo - SP, CEDENPA - Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará - PA, Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia - PI, CONAQ - Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas - MG, Criola - RJ, Eleekó - RJ, Grupo de Mulheres Felipa de Sousa - BA, Geledés - Instituto da Mulher Negra - SP, Grupo de Mulheres Negras Mãe Andressa - MA, Grupo de Mulheres Negras Malunga - GO, IROHIN - DF, IMENA - Instituto de

Mulheres Negras do Amapá - AP, INEGRA - Instituto Negras do Ceará - CE, Instituto AMMA Psique e Negritude - SP, Kuanza - RJ, Kilombo - RN, Maria Mulher - Organização de Mulheres, Negras - RS, Mulheres em União - MG, NZINGA - Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte - MG, Observatório Negro - PE, OMIN - Grupo de Mulheres Negras Maria do Egito - SE, Rede de Mulheres Negras do Paraná - PR, SACI - Sociedade Afrosergipana de Estudos e Cidadania - SE e UialaMukaji - Sociedade das Mulheres Negras de Pernambuco - PE

Essas entidades atuam enquanto representantes do feminismo negro brasileiro. Movimento que busca diversificar a própria configuração do gênero discutido pelo feminismo, pois a mulher não é uma categoria única, é algo muito mais complexo.

É praticamente consenso que a mulher negra sofre uma dupla opressão: uma por ser negra e outra por ser mulher. Porém a mulher negra carrega outras questões que não atingem diretamente a mulher branca. Questões essas que nos transpassam além do gênero e que devem ser discutidas com um viés diferente. Como aborda Sueli Carneiro (2011, *online*) "a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela históricahegemonia masculina, mas [...] a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão" que o problema do racismo.

Nesse entendimento, ainda respaldadas em Sueli Carneiro (2011), observamos que o atual movimento de mulheres negras, ao abordar esses vários vieses (gênero e raça) promove a integração das lutas alçadas tanto pelo movimento negro e quanto pelo de mulheres do país, "enegrecendo" as reivindicações das mulherese promovendo a feminização também das reivindicações do movimento negro.

5.3 BAMIDELÊ: SUA HISTÓRIA PARA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Como já foi dito anteriormente, a Bamidelê é uma organização não governamental composta por feministas negras, fundada em 2001. Tem como missão e projeto político contribuir para a eliminação do racismo e sexismo, buscando a equidade de gênero numa perspectiva étnico-racial.

Essa organização tem por princípios: construção de uma sociedade justa e democrática; defesa dos direitos humanos, o respeito às diferenças e o combate à pobreza e a todas as formas de violências, opressão, discriminação ou exclusão, tais como as de gênero, raça, etnia, classe, orientação sexual, religiosa, política, geracional ou relativa ás pessoas com deficiência; respeito aos princípios éticos de transparência e imparcialidade em sua gestão; e defesa dos direitos humanos e empoderamento das mulheres, jovens e adolescentes, bem como o fortalecimento de suas organizações (BAMIDELÊ, 2013).

As atividades desenvolvidas por essa Organização vão desde ações educativas e formativas como cursos, palestras, campanhas, oficinas, feiras de saúde, capacitações, rodas de diálogos, seminários e produção de material didático com foco nas temáticas de saúde (sexual, reprodutiva e da população negra), educação, direitos sexuais, direitos humanos e ações afirmativas, e, até no controle social de políticas públicas, mobilização social e ações de fortalecimento político dos movimentos negro e feminista (BAMIDELÊ, 2013).

O público atendido pela Bamidelê é, em sua maioria, mulheres negras, jovens e adolescentes de comunidades, movimentos e escolas das zonas urbana e rural da Paraíba, com destaque para a comunidade remanescente de quilombo Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande/PB.

5.3.1 A história a partir dos relatórios narrativos

Em 2001, antes da constituição e institucionalização da Bamidelê havia um Grupo de Mulheres Negras na Paraíba, formado desde 1998, cujas reuniões eram realizadas no Mosteiro São Bento e participava cerca de 15 mulheres (CARVALHO; ROCHA, 2012). Em uma das publicações do Cunhã (Coletivo Feminista), esse Grupo de Mulheres Negras é citado entre os que existem na Paraíba e ressalta-se que foi criado em 1998, por algumas mulheres que participavam dos Agentes da Pastoral Negros - APNs¹¹, pois perceberam a necessidade de desenvolver um trabalho específico com mulheres negras no estado.

discriminação racial. Entre os seus objetivos, está reconhecimento e afirmação da história e dos valores culturais e religiosos do povo negro, com o intuito de construir uma identidade positiva e desenvolver ações políticas efetivas para incluir a população negra na sociedade (CARVALHO: ROCHA, 2012).

ações políticas efetivas para incluir a população negra na sociedade (CARVALHO; ROCHA, 2012).

Agentes de Pastoral Negros (APNs) é um grupo de conscientização, organização e valorização da cultura de mulheres e homens negros, que atuam em comunidades cristãs, que agem na luta contra o racismo e a

Passados alguns anos, três dessas mulheres que iniciaram o trabalho grupal decidiram institucionalizá-lo, com a fundação, em 2001, da Bamidelê - Grupo de Mulheres Negras da Paraíba. Assim, foi firmada uma organização com identidade própria, com o principal objetivo de desenvolver trabalhos com mulheres negras, na zona rural e na urbana, com o intuito de conscientizá-las sobre a discriminação racial e trabalhar com jovens negras por meio de artes, visando trazer os valores da cultura e criar um trabalho de educação com crianças e adolescentes.

Portanto, a Bamidelê surge com a finalidade de dar visibilidade às demandas específicas das mulheres negras na Paraíba e garantir a participação delas na vida política do Estado da Paraíba. Vale salientar que a organização insere-se em um contexto histórico-social, nos âmbitos internacional e nacional, que foi a declaração pela Organização das Nações Unidas (ONU), de 2001, como o Ano Internacional de Mobilização contra o Racismo.

Nesse sentido, a realização, no mesmo ano, da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Intolerâncias Correlatas, em Durban, na África do Sul. Em síntese, na Conferência de Durban, foram elaborados dois documentos: a Declaração e o Programa de ação, compostos de propostas para efetivar o fim do racismo e da discriminação racial. Tratando da III Conferência, a ex-ministra da SEPPIR, Matilde Ribeiro (2004, p. 102), destaca que ela fortaleceu a construção de propostas para políticas públicas para a população negra e o comprometimento dos países com a "erradicação do racismo e [com a missão de] estimular o desenvolvimento político, econômico e social da população negra, particularmente das mulheres."

A Bamidelê iniciou suas atividades, efetivamente, no ano de 2001, com dois grupos de mulheres e adolescentes negras nos municípios de Santa Rita, nas comunidades de Marcos Moura e Tibiri II, em Alagoa Grande, na comunidade remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, além das ações na cidade de João Pessoa, muitas articuladas ao Movimento Negro e ao Movimento Feminista na Paraíba. Vale ressaltar que os trabalhos já vinham sendo realizados com o apoio financeiro das missionárias(os) religiosas(os) católicas(os) do Grupo Maryknoll, por meio de um pequeno projeto. Porém, a chegada dos recursos do Projeto "Redes de Solidariedade: saúde reprodutiva, gênero, etnia e cidadania na Paraíba", financiado pela Fundação Ford, contribuiu para institucionalizar o Grupo de

Mulheres Negras, pois proporcionou a instalação de uma sede e a obtenção de equipamentos e materiais importantes para o desenvolvimento do trabalho.

5.3.2 Os projetos: de 2002 a 2009

O primeiro projeto financiado pela Fundação Ford, projeto "Redes de solidariedade", realizado entre os anos de 2002 e 2004, teve como objetivos superar as desigualdades sociais, os estigmas e os preconceitos que atingem as mulheres negras. Nesse sentido, trabalhar o tema da autoestima entre mulheres negras era crucial para a afirmação de suas identidades e o empoderamento. Por isso, o projeto também propôs a formação de mulheres e de jovens negras sobre questões relativas à saúde reprodutiva, aos direitos reprodutivos, à identidade racial, à autoestima e aos direitos humanos, para atuarem no combate ao racismo e ao sexismo e ampliar e garantir o acesso aos direitos conquistados (BAMIDELÊ, 2003).

Durante o período de execução do projeto, as oficinas foram realizadas, sistematicamente, com os grupos de mulheres e adolescentes negras mencionados, onde temas referentes à história e à cultura afro-brasileira foram tratados com o intuito de despertar a reflexão desses sujeitos sociais para os elementos que constituem as identidades raciais possíveis de ser construídas.

No ano de 2003, a Bamidelê deu continuidade às atividades do projeto "Redes de solidariedade", mas foram acrescidas outras ações como a capacitação de lideranças dos grupos de mulheres e jovens negras para que reivindicassem políticas públicas e intervissem no processo de aplicação dessas políticas. Além disso, iniciou-se um trabalho com parteiras tradicionais da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos (BAMIDELÊ, 2003).

No ano de 2004, iniciaram-se as atividades do projeto "Mulher negra, saúde reprodutiva e direitos sexuais: construindo caminhos para a felicidade de viver", que objetivou dar continuidade às ações do projeto anterior, principalmente aos trabalhos com os grupos de mulheres e adolescentes de Caiana dos Crioulos, Marcos Moura e Tibiri II. Os eixos do projeto foram as Políticas Públicas e o Controle Social no campo da saúde. Dentro das ações, destacamos que, no processo de reflexão e organização das atividades da Semana da Consciência Negra pelas adolescentes, foi

abordada, nas oficinas, a história de personagens negros e negras de destaque em vários momentos históricos e trabalhada a identificação das adolescentes com personagens com participação na história brasileira (BAMIDELÊ, 2005).

Nesse projeto, foram enfocadas as temáticas ligadas à saúde pública e ao controle social nessa área. Assim, as mulheres e até mesmo as jovens negras debateram e agiram no sentido de exigir melhoria no atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), e entender seu funcionamento, para demandar políticas públicas para as mulheres negras nesse campo (BAMIDELÊ, 2005).

Nesse sentido, no ano de 2005, as mulheres de Caiana dos Crioulos exerceram o controle social no Programa Fome Zero, com a intervenção exercida no sentido de garantir a distribuição das cestas básicas entre as famílias da comunidade (BAMIDELÊ, 2006).

A partir de 2007 começou a ser desenvolvido o projeto: "Ampliando resultados em Direitos Sexuais e Saúde Reprodutiva: fortalecendo o controle social", também apoiado pela Fundação Ford. O objetivo geral do referido projeto foi reduzir a deficiência de ações de promoção da saúde e direitos sexuais e reprodutivos das mulheres negras (adolescentes /jovens /adultas) nas comunidades de Caiana dos Crioulos, Marcos Moura e Eucalipto, localizadas nos municípios de Alagoa Grande, Santa Rita e João Pessoa respectivamente (BAMIDELÊ, 2008).

Guiadas pela execução desse objetivo e da atuação da Bamidelê durante o ano de 2007, foram elaboradas diversas ações, com base na: atuação das mulheres da Associação Mulher Centro da Vida - no bairro de Marcos Moura em Santa Rita /PB; atuação das mulheres quilombolas de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande/PB; e, na atuação das adolescentes e jovens em Eucalipto/João Pessoa/PB.

No ano de 2007 a Bamidelê também participou do Fórum de Erradicação do Trabalho Infantil (FEPETI), na qual sua contribuição neste fórum se revestiu da mais alta importância, sobretudo porque a realidade de exploração das crianças na Paraíba era um assunto que merecia ser trabalhado nas várias dimensões, seja em atividades de trabalho penoso ou no campo da exploração sexual, seja nos ambientes públicos ou privados. A partir daí, foram realizadas outros encontros, a saber: A Bamidelê no Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente - FDCA; A Bamidelê na Afirmação dos Direitos Humanos da Mulher e da Mulher Negra; A Bamidelê no Fórum ONG/AIDS; O Dia 25 de Julho - data alusiva às mulheres negras

da América Latina e do Caribe na sua IX edição que aconteceu com o tema "As mulheres negras reinventam o mundo"; o Seminário Saúde Reprodutiva das Mulheres Negras na Grande João Pessoa; A Bamidelê na Rede de Jovens do Nordeste entre outros (BAMIDELÊ, 2008).

Ainda em 2007 foi desenvolvido o projeto "Adolescentes e Jovens Negras Multiplicando Informações Sobre Saúde Sexual e Reprodutiva". Este projeto apresentava como objetivo geral capacitar 20 adolescentes e jovens negras para serem multiplicadoras de informações em 03 comunidades periféricas de João Pessoa. O desdobramento do objetivo geral em objetivos específicos compreendeu em fortalecer o protagonismo juvenil; trabalhar o conceito de saúde e direitos sexuais e reprodutivos; promover a elevação da autoestima e da identidade negra, além de sensibilizar sobre a importância do conhecimento e do cuidado com o corpo, a prevenção das DSTs/HIV/AIDS e a gravidez não planejada (BAMIDELÊ, 2008). Este projeto foi apoiado pelo Fundo Municipal de Adolescentes - FUNDEC por 03 meses e pelo Fundo Global para Mulheres por 06 meses (BAMIDELÊ, 2008).

E o projeto "Saúde reprodutiva de mulheres negras: vulnerabilidade, percepções de saúde e tratamento às gestantes da Grande João Pessoa", um projeto de pesquisa, de natureza comportamental desenvolvido em parceria com a Universidade Federal da Paraíba - Departamento de Biologia Molecular. Os objetivos do referido projeto foram: Obter o perfil étnico racial das gestantes; Levantar as principais dificuldades apresentadas por elas para terem acesso ao atendimento; Descobrir o itinerário realizado pelas mulheres entre a descoberta do serviço prestado pela maternidade, passando pela realização dos exames e chegando até a apresentação dos resultados a equipe médica; Verificar o nível de empatia entre a paciente e a equipe de saúde; Levantar o percentual de adesão ao de profilaxia: tratamento Levantar percentual de adesão dos maridos/companheiros/parceiros a profilaxia; Detectar se o tratamento ministrado aos casos positivos de HIV e sífilis estava em concordância com o preconizado pelo Ministério da Saúde; Levantar as principais dificuldades das maternidades para a efetivação do Projeto Nascer - Maternidades (BAMIDELÊ, 2008).

No ano de 2008, deu início o "Projeto Intensificando Ações pelo Direto à Saúde Sexual e Reprodutiva" que objetiva o crescimento da equipe e aprimoramento das metodologias desenvolvidas pela Bamidelê, com destaque para

a técnica de Construção Compartilhada de Soluções em Saúde, adotada pela organização, a partir de assessoria do Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) (BAMIDELÊ, 2009).

Como eventos significativos no primeiro período do projeto (maio a dezembro de 2008), destacamos a realização da X Comemoração do Dia da Mulher Negra da América Latina e Caribe - 25 de Julho, que superou as expectativas em termos de público, realizando ações em parceria com duas universidades públicas (UFPB e UEPB) e envolvendo lideranças de vários municípios da Paraíba. E, o convite à Bamidelê para participar do II Seminário Nacional de Estudos de História e Cultura Afro-brasileiras, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEAB-Í), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por ocasião do Dia Nacional da Consciência Negra - 20 de Novembro (BAMIDELÊ, 2009).

Os projetos desenvolvidos para sua construção e afirmação passam pelo reconhecimento e pela valorização de sua história e das referências culturais que lhes pertencem. Acreditamos que essa construção identitária é fundamental para combater as desigualdades sociais/raciais e o racismo e o sexismo que atingem as mulheres negras, principalmente o empoderamento delas, para que possam exercer plenamente sua cidadania. Assim, para que atuem como protagonistas é sobremaneira relevante que suas identidades sejam afirmadas, sobretudo, como mulheres negras.

5.3.3 A vida administrativa da BAMIDELÊ

A vida administrativa da Bamidelê possui um ritmo não linear, pois as demandas externas não têm uma sistemática por mais programada que seja a pauta de ação/intervenção. Tendo em vista o exemplo deste ritmo, citamos o quadro que se instalou em João Pessoa e em outras cidades da Paraíba com relação a vários casos de morte materna, casos de violência física que se abatem sobre as mulheres ou de casos de racismo. Diante dessas ocorrências, a Bamidelê tem que se fazer presente. Apesar da imprevisibilidade das reuniões semanais e a anuais foram mantidas e nesses momentos a equipe pode interagir ou divergir e apreciar as atividades em andamento ou concluídas (BAMIDELÊ, 2008).

As reuniões semanais sempre são as quartas-feiras e são os momentos de checagem da rotina diária e de programações de eventos. Há também uma Assembleia Anual na qual são avaliadas e propostas mudanças na própria Bamidelê e no aperfeiçoamento profissional, sobretudo com relação ao assunto saúde. A equipe atual da Bamidelê é remunerada pela Fundação Ford sendo composta de 01 secretária, 01 coordenadora de projetos, 01 Diretoria executiva, 01 coordenadora financeira, 01 técnica de projetos que faz a articulação nas comunidades trabalhadas e 01 estagiária (BAMIDELÊ, 2008).

6 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: A VOZ DAS MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA

A análise das práticas sociais supõe a aplicação de técnicas e/ou procedimentos de coleta e tratamento de dados numa perspectiva qualitativa. A partir de agora, vamos apresentar os dados obtidos por meio da realização das entrevistas semiestruturadas, analisando de acordo com os pressupostos da técnica conhecida e apresentada como Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Como já dito anteriormente, por meio do DSC é possível obter a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo, no qual a partir do sujeito individual são identificados e retirados fragmentos do pensamento coletivo. Para isso, os procedimentos metodológicos para leitura e análise e interpretação dos discursos das mulheres negras da Bamidelê estruturaram-se a partir de um esquema próprio da técnica do DSC, a saber:

Primeiro, adotamos a entrevista, de caráter semiestruturado, que serviu de "orientação e guia para o andamento da interlocução [permitindo uma] flexibilidade nas conversas e absorção de novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua relevância" (SOUZA et al, 2005, p. 136).

Segundo, elaboramos dois roteiros para a realização das entrevistas, um para organização e outro para o público (APÊNDICE A e B) que constou de duas partes. Sendo que a primeira parte investigou os "Dados de identificação" (nome, profissão, escolaridade, idade, cargo e o tempo de participação da ativista na ONG) e a segunda parte foi constituída por meio de questões abertas analisadas separadamente.

Terceiro, selecionamos as principais categorias de cada resposta, reunindoas por "semelhança semântica". (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006), Em seguida, elaboramos os discursos coletivos para cada categoria. Na análise, as ECH se referem aos blocos de enunciados dos sujeitos discursivos relativos às cinco perguntas; as IC são as ideias centrais, em negrito, extraídas das ECH; a AC se refere às teorias utilizadas no referencial para fundamentar o discurso dos sujeitos e; DSC é a síntese dos enunciados referentes aos discursos de todos os sujeitos.

Posteriormente, adotamos os cinco passos propostos pela técnica de análise do DSC sugeridos por Lefèvre e Lefèvre (2003):

- Analisamos, isoladamente, as respostas de cada uma das questões formuladas e colocamos os dados observando os conceitos operacionais, para exemplificar a análise;
- 2) Destacamos, em negrito, as expressões-chave das ideias centrais;
- 3) Identificamos e escrevemos as ideias centrais;
- 4) Estabelecemos as categorias do DSC, a partir das ideias centrais;
- 5) E, por fim, agrupamos as categorias formadas a partir dos discursos coletivos dos sujeitos individuais para formular o DSC de cada resposta.

É importante salientar que as participantes da pesquisa foram entendidas como sujeito individual que responderam pelo sujeito coletivo, coadunando com a perspectiva da técnica do DSC. Esses sujeitos foram legendados como Sujeito A, B, C e D, para identificar as mulheres que compõem a organização da Bamidelê, e Sujeito E, F, G, H e I para identificar as mulheres que compõem a público atendido pela Bamidelê, como forma de garantir o anonimato¹².

6.1 A VOZ DA COORDENAÇÃO DA BAMIDELÊ

As entrevistas com a organização, devido questões de agenda da ONG foram realizadas no período em janeiro de 2014, onde todas foram feitas na sede da BAMIDELÊ, na cidade de João Pessoa-PB, em único momento.

Antes de iniciar cada entrevista, fizemos uma breve explanação sobre o tema da pesquisa e seus objetivos, com o propósito de situar os sujeitos no contexto do objeto de estudo a ser pesquisado. Todas as entrevistas foram gravadas face-a-face, com a utilização de um gravador, que converte no formato mp3. Algumas observações não captadas por esse equipamento foram feitas em um bloco de anotações no momento da entrevista pela pesquisadora.

A seguir, apresentamos o perfil dos sujeitos individuais traçados por meio na primeira parte do roteiro de entrevista "Dados de identificação":

a) **Sujeito A**: É estudante. Cursa Relações Públicas pela UFPB. Tem 24 anos. Participa há 2 (dois) anos e meio da Bamidelê e seu cargo na ONG é Assistente de Comunicação;

¹² Foi entregue a todas entrevistadas junto com o roteiro da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para fins de publicização e divulgação dos dados discursivos (APÊNDICE C).

- b) Sujeito B: É Assistente Social. Tem Pós-Graduação (Mestrado em Direitos Humanos). Tem de 34-41 anos. Atua na Bamidelê há 10 (dez) anos. E sua função na entidade é de Coordenação Executiva;
- c) **Sujeito C**: É professora universitária. Tem Pós-graduação (Doutorado). Tem mais de 42 anos. Participa há 11 (onze) anos da Bamidelê, na qual ocupa o cargo de Diretora;
- d) **Sujeito D**: Também é professora universitária. Tem Pós-graduação (Doutorado). Tem mais de 42 anos. Participa há 13 (treze) anos da Bamidelê. E ocupa o cargo de Coordenadora Executiva.

Desse perfil já podemos fazer uma análise preliminar: as mulheres que coordenam a Bamidelê além da experiência com movimentos sociais, três delas tem mais de 10 anos de participação na ONG e possuem alto nível intelectual/educacional.

A seguir, analisamos as expressões-chave (ECH) que se referem aos blocos dos enunciados (falas) das quatro participantes da pesquisa, extraídos do corpus de dados discursivos, que foram transcritos, literalmente, considerando os micros marcadores inerentes ao discurso oral.

6.1.1 Fontes informacionais utilizadas pela Bamidelê para disseminação da informação étnico-racial

Iniciando a primeira interlocução, a fim de atender aos objetivos da pesquisa, perguntamos: Quais são as ferramentas utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial produzida e/ou apropriada pela organização? Vejamos o discurso das participantes da pesquisa.

Sujeito A: No que se diz respeito aos impressos, a Bamidelê têm algumas publicações, têm cartilhas e adesivos que são das campanhas "Morena não, eu sou negra" [...] campanha da Lei 10.639, das cotas, e outros impressos em relação às campanhas como folders, entre outros. E no que se diz respeito à internet, são usados meios de comunicação como redes sociais, e o mais usado é o Facebook, para o compartilhamento de informações, principalmente relacionadas à questão de gênero, raça e etnia, e racismo. Informações a nível nacional, regional e local, muitas das vezes colocamos na posição da Bamidelê, outras não, por acreditarmos na parcialidade das informações. E o Twitter da instituição atualmente é pouco movimentado, temos investido mais em Facebook, por acreditarmos que esse é o meio de comunicação mais movimentado, e também temos o blog da instituição [...]. A Bamidelê [também] atua em rede com outras

organizações, Organização das Mulheres Negras, né? Que é a Articulação de Mulheres Negras Brasileiras e a rede de mulheres também. Esse fluxo de informações entre essa rede acaba que também permitindo a atualização mútua de quem faz parte dessa rede, a gente também identifica isso como uma forma de atualização. Esses são os instrumentos atuais que nós produzimos para disseminar as opiniões da Bamidelê, o posicionamento político, entre outras.

Sujeito B:Além do *Facebook*, também temos repassado ações e informações por **e-mail**, por mailing list (mala direta).

Sujeito C:E também quero acrescentar nessas ferramentas os livros, os folders, porque inclusive esses folders, assim como as camisetas, circulam independente de nós estarmos com alguma ação ou não. Revistas também, e os blogs. Agora toda via, mesmo com essa inovação tecnológica, a gente também tem a oralidade que funciona muito, então as nossas informações estão sendo veiculadas constantemente no conteúdo escolar, e no dia-adia, também nós estamos passando as informações, mesmo sem estar com as camisetas ou estando comum, a gente está falando, a gente está comunicando, um cabelo chamado afro mesmo a pessoa calada andando, mas ela tá comunicando, um colar da gente, eu tô calada, eu tô andando, mas todo mundo diz: "é a baiana", Por quê? Porque tem um colar tem um brinco, é a estética. [...] A gente estuda em livros, a gente estuda em cartilhas, livros impressos, a gente compra livros também, online [...] uma informação mais sistemática, concreta, embasada cientificamente, está nas fontes cientificas. Essas ferramentas são ferramentas valiosas pra gente.

Sujeito D:Outra ferramenta que é muito utilizada pela instituição são os banners, que em todos os nossos eventos são utilizados. Achamos que a própria camiseta da instituição tem sido uma ferramenta utilizada Brasil à Desde a campanha em 2009, que estão sendo fora. sistematicamente, como: 25 de Julho, 20 de novembro. Mas só a partir de 2009, têm sido sistemáticas, de fazermos as camisetas, a preço de custo para a comercialização, porque nós entendemos que é uma peça política, para transmitir essa mensagem política da Bamidelê, e isso que tem sido importante, e ela repercute de uma forma muito positiva, porque o Brasil à fora, as pessoas têm adquirido essas camisetas, achamos que essa é uma ferramenta importante que a gente tem colocado nas nossas práticas políticas, que aliás, é como o nosso marketing. E outra forma de comunicar também, é a coisa da estética afro, os tecidos são uma marca também, Bamidelê tem esses tecidos, não tenho certeza se entra nessa classificação de ferramenta de informação, mas pelo que eu penso é uma forma de comunicar, uma forma de discutir essas atividades, a questão da sua ancestralidade, que são esses tecidos afros. Que em todos os nossos eventos, em parceria com a Neabi inclusive, naquele espaço acadêmico nós levamos pra quebrar aquela coisa mais formal, então é muito presente, eu acho que você observa isso na rede, essa presença desses tecidos afro, que remetem a África, a ancestralidade, esses tecidos acompanham a Bamidelê desde o início, desde a fundação em 2001. E um aspecto importante da Bamidelê, é o perfil das integrantes, em geral são acadêmicas, que estão vinculadas as universidades, mas recentemente a gente tem os Neabis né? [...] Como foi colocado, e a gente leva essa nossa experiência dos movimentos sociais para o espaço acadêmico, e nós temos orientando, e fomos orientando alunos e alunas nessa temática das relações sociais, das organizações das mulheres negras, isso também tem contribuído para a sistematização desse conhecimento, né?

As ideias centrais (IC), destacadas em negrito, foram retiradas das ECH, das quais extraímos três categorias referentes às fontes utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial. A seguir apresentamos o DSC formulado.

Categoria 1 - Fontes formais (livros, revistas/periódicos, fontes cientificas);

Categoria 2 - Fontes informais (cartilhas, adesivos, folderes, banneres, estética afro e oralidade);

Categoria 3 - Fontes web (Facebook, twitter, blog, e-mail).

DSC: No que se diz respeito aos impressos, a Bamidelê têm algumas publicações, têm cartilhas, adesivos, folders, banners, entre outros. Assim como as camisetas, tecidos afros, oralidade e a estética afro para transmitir essa mensagem política da Bamidelê, têm os livros, as revistas, fontes cientificas. E no que se diz respeito à internet, são usados meios de comunicação como redes sociais, *Facebook*, Twitter, blog e e-mail, da instituição. Esses são os instrumentos atuais que nós produzimos para disseminar as opiniões da Bamidelê, o posicionamento político, entre outras.

Podemos analisar que as fontes de informação utilizadas pela Bamidelê buscam atingir vários setores e públicos da sociedade em geral, pois, ao recorrer às fontes formais como os livros e revistas "que confirmam qualquer conhecimento que permitam ser incluídas numa determinada compilação bibliográfica" (CUNHA, 2001, p. 8), essas fontes tem uma existência duradoura e dependem basicamente da visão que proporciona ao seu público a possibilidade de reprodução ilimitada a essas fontes. As fontes de informação são responsáveis por carregar e armazenar a informação, ou seja, são qualquer recurso que gere ou veicule informação, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador etc. e influencie na geração do conhecimento e do aprendizado(SILVA, 2010).

Nesse sentido, observa-se a necessidade de uma boa estrutura do veículo de comunicação através da legibilidade do texto. Entendendo que as fontes de informação formais ficam disponíveis, por longos períodos de tempo, para um público amplo. Observem a Figura 2.



Figura 2 - Fontes formais utilizadas pela Bamidelê

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Ao utilizar fontes informais, (cartilhas, adesivos, folderes, banneres, estética afro e oralidade), a ONG possibilita acesso a um público bem mais diverso, pois as fontes informais, como o próprio nome revela, dispensam a formalidade de seu registro. Elas são representadas e exemplificadas através de contatos pessoais, cartas, comunicações orais e mensagens não verbais. As fontes informais ainda apresentam as seguintes características: fácil acesso, resposta imediata. Além disso, conduz informação sobre o que está acontecendo no andamento dos fatos ou até em estágio de ideia, minimiza ruído e permitem a crítica construtiva, orientada para o usuário, minimiza barreiras de comunicação e dissemina informações que, de modo geral, não seriam encontradas nas fontes formais (ARAÚJO, 1979), Vejamos a Figura 3.



Figura 3 - Fontes informais utilizadas pela Bamidelê

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Ao fazer uso do que denominamos Fontes web (Facebook, blog, e-mail) (SILVA, 2010), a entidade multiplica de forma exponencial o acesso a essas informações, ampliando, diversificando e tornando cada vez mais eficiente, rápida e abrangente, vencendo barreiras geográficas, hierárquicas e financeiras (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000). Algumas dessas fontes caracterizam-se por uma mixagem das fontes formais e informais, citadas acima. Outras fogem completamente a qualquer classificação prévia, porque são resultados do dinamismo no design característico da Internet. Vejamos a Figura 4.



Figura 4 - Fontes web utilizadas pela Bamidelê

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Uma das mais importantes características dessas fontes é serem centradas no/a usuário/a, possibilitando a mudança de funções, paradigmas e da própria cultura, que podem ser frequentemente atualizados e são fáceis de manter e acessíveis em qualquer computador ou aparelho com conexão à Internet. Também podem fazer ligações entre si, permitindo a troca de ideias e estimulando a geração e o compartilhamento do conhecimento (BARROS, 2006).

6.1.2 As fontes utilizadas pela Bamidelê que ultrapassam barreiras

Em relação à segunda pergunta: Como essas informações chegam até as mulheres negras que são assistidas pela ONG, que não dispõem dos canais descritos acima? As participantes da pesquisa assim se posicionaram:

Sujeito A:[...] Bamidelê sempre, desde que eu entrei aqui, né? A Bamidelê sempre se manteve nessa questão da troca de informações, não é somente a Bamidelê que vai chegar lá pra dizer que isso, e isso, acontece através das oficinas, dos seminários, dos eventos, mas também de acolher as informações delas, dos conteúdos que elas produzem, com o conhecimento com a ciranda, por exemplo, com as mulheres de Caiana dos Crioulos, né? A questão da própria agricultura familiar, e essas coisas, elas têm muito a contribuir conosco também, porque o conhecimento popular delas também motivam o nosso trabalho, e tal e tudo mais, e a essa troca de informações, né? É uma via de mão dupla, e a Bamidelê nesse sentido sempre prezou por atuar assim, uma via de mão dupla. Nunca de chegar lá e pronto fiz meu trabalho e acabou, mas sempre é um processo de retroalimentação, né?

Sujeito B:Muitas do que a gente citou [na pergunta anterior], assim, tirando essa parte da internet, como a gente trabalha com as comunidades, e Quilombolas, principalmente a comunidade de Quilombolas de Caiana, esses outros instrumentos que foram citados: banner, cartaz, folder, todo esse material chega até esses locais quando a gente faz ações, camisetas também, com exceção das redes sociais, quer dizer, agora o pessoal já tá, por exemplo, de Caiana, já tá acessando, tem muita gente que tem "Face", já curtiram a página da Bamidelê, né? Têm a dificuldade de e-mail, mas eles circulam muito pela cidade, então a cidade e a própria comunidade, então muita coisa eles já sabem, é só porque a gente tem muito essa tradição, né? De cartazes, e folder, e panfletos, então chega, chega nesses lugares.

Sujeito C:É isso que eu ia colocar, no sentido dessa aquisição, dessa ferramenta né? Internet! As mulheres que trabalham conosco elas têm já acesso, elas não têm é o tempo, né? Dedicado à isso, como têm essas mulheres urbanas. A gente tem também, reuniões, que a gente faz né? Eventos, tipo na formação, seminários. Porque assim, a informação que você está perguntando, é uma informação assim, mais sistemática, mais bombástica. Que pegou a data do 25 de Julho, num é? Como é que essas mulheres sabem disso, né? Então, como é que essas mulheres sabem que a escolaridade das mulheres negras aumentou, né? Então, são informações mais assim, vamos dizer assim, mais focadas, vamos usar a palavrinha da moda. Tem também televisão, né? Que indiretamente a gente utiliza, porque a gente tá sempre passando um release para televisão. E certamente que, uma redação recebe oque a gente manda, elas não pautam pra fazer entrevista com a gente, mas elas pegam aquela informação da gente e trabalham de outra forma.

Sujeito D:E quando nós realizamos as atividades, na comunidade Quilombola, materiais são produzidos, nós podemos lembrar do 25 de Julho, que é o dia das mulheres negras da América Latina, e do Caribe, de 2012 que teve uma exposição fotográfica, que as adolescentes Quilombolas participaram da oficina [...], geralmente também são produzidos esses materiais, e as próprias moças e mulheres Quilombolas, elas aparecem nos posts que são produzidos pro Facebook, né? Então, essa interação ela acontece, a gente sabe da dificuldade, num tem acesso, mas nas comunidades Quilombola, hoje eles têm acesso a computador, né? E isso cada vez mais, lógico que nós sabemos também que não é cem por cento, mas têm tido acesso de certa maneira à internet, e isso facilita a circulação da informação.

As ideias centrais do segundo bloco de dados discursivos permitiram extrair duas categorias relacionadas ao uso das fontes utilizadas que ultrapassam as barreiras.

Categoria 4 -Ações (eventos, reuniões, oficinas, encontros e etc.) como fonte para disseminação da informação étnico-racial;

Categoria 5 - Internet.

DSC:A Bamidelê sempre manteve a troca de informações, através das oficinas, dos seminários, dos eventos, e também pelo conhecimento popular em um processo de retroalimentação. As mulheres que trabalham conosco elas têm já acesso a internet assim como a televisão, que indiretamente a gente utiliza. E quando nós realizamos as atividades, na comunidade Quilombola, materiais são produzidos, e essa interação ela acontece, mesmo com a dificuldade do acesso. Mas nas comunidades Quilombolas, hoje elas já tem acesso a computador, e isso facilita a circulação da informação.

Na perspectiva do DSC, a Bamidelê é uma organização proativa com uma participação importante e marcante nos eventos. Sempre trabalhando em conjunto de forma que o seu público consiga ter acesso ao material que é produzido e demonstrando uma participação ímpar na luta em prol da visibilidade de cultura e da história africana. Vejamos a Figura 5.

Figura 5 - Ações desenvolvidas pela Bamidelê

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

O processo de disseminação da informação étnico-racial para aquelas que não têm acesso às fontes tradicionais de informação é feito através das ações realizadas pelo Bamidelê. Dessa forma, com o acesso a essa informações, esse público tem a possibilidade de vivenciar a sua cultura e, consequentemente, construir uma identidade cultural solidificada a partir da interação continua das experiências vivenciadas em grupo.

Observamos também que a atuação do grupo na internet também foca esse público, pois mesmo com as dificuldades no que concerne ao acesso, atualmente, a internet figura como uma das principais fontes utilizadas pela organização, pois possibilita ao usuário, entre outras funções, selecionar, receber, tratar e enviar qualquer tipo de informação, através de ambientes propícios e extremamente favoráveis à circulação dessas em uma dimensão jamais vista (TEIXEIRA, 2001, p. 55).

6.1.3 A informação para as mulheres negras

Prosseguindo a interlocução com os participantes da pesquisa, lançamos a terceira pergunta: Como a organização trabalha essa informação para que ela atenda as especificidades e particularidades das mulheres negras?

Sujeito A: [...].

Sujeito B:[...] a gente considera o publico, né? Que vai, considera o local. Uma coisa também que a gente faz, até em participação de debates, não necessariamente sendo uma ação que a Bamidelê tá organizando, protagonizando, mas onde a gente tá nos debates, por exemplo, se tá discutindo trabalho, então alguém da Bamidelê vai trazer a questão das mulheres negras no trabalho, então a gente tá sempre trazendo, discutir o amplo, a saúde, por exemplo, mas a gente sempre se tiver num debate, ou se for atividade da Bamidelê, a gente vai trazer, "Saúde das Mulheres Negras". Então a gente da muito esse recorte [...]. E a gente faz o geral, mas a gente diz: "Agora a gente trabalha de modo especifico na questão das mulheres negras." E se a gente é chamada pra trabalhar o racismo, a gente vai trabalhar o racismo na vida das mulheres negras [...].

Sujeito C:Quando a gente vai pra Caiana, por exemplo, tem toda aquela preparação, né? Geralmente Caiana, a gente fez e faz muitas oficinas, num é? Porque a oficina, a metodologia, que permitem muito as pessoas ficarem muito mais a vontade, a linguagem também né? É uma linguagem que vai ser mais adequada para as pessoas si colocarem. Eu acho que, a gente trabalha dessa forma, trabalha utilizando papel, lápis, né? Nem

sempre é só computador, muitas vezes a gente faz oficinas que nem utilizam computador, utiliza as técnicas mais rudimentares, né?.

Sujeito D:[...] a atuação da Bamidelê: trabalha com o geral, exatamente há essa demanda, é colocado, mas há a procura de trazer, de fazer essa especificidade, né? Inclusive nós temos o 8 de março, né? Mas nós temos também o 25 de Julho, como eu mencionei anteriormente, que é uma data [...] Geralmente nós, considerando o ano de 2013, nós realizamos atividades ao longo do mês de Julho, né? Exatamente fazendo esse debate, trazendo esses dados, sobre as relações raciais, e em especifico as condições de vida das mulheres negras, né? E então, nas várias atividades nós temos produzido materiais, aqui no ano passado mesmo nós lançamos os cadernos afro-paraibano, né? E nós temos então o volume 2 que é, direitos humanos, população afro-paraibano, e mulheres negras. E você percebe que esse geral, mas nós vamos dar esse recorte. E ao longo da nossa trajetória tem sido exatamente trabalhar buscando essa especificidade, e vários temas dentro das relações raciais.

As IC's dessa interlocução possibilitaram a construção de uma categoria para entendermos como organização trabalha a informação étnico-racial de acordo com as especificidades e particularidades das mulheres negras:

Categoria 6 - A informação é trabalhada do geral ao específico;

DSC: A gente considera o publico, e o local, dando o recorte. A gente faz o geral, mas a gente trabalha de modo especifico na questão das mulheres negras, buscando essa especificidade nos vários temas dentro das relações raciais.

Os sujeitos que dominam o conhecimento são responsáveis por repassar a informação, mas nem sempre para a população que vive à margem da sociedade. A população negra (considerada marginalizada) é marcada por essa falta de acesso, invisibilizada por aqueles/as que detêm essa informação e se apropriam dela apenas para o próprio saber, sem se preocupar com aqueles/as que dela necessitam.

Nessa questão o DSC mostra que as ações da Bamidelê sempre estão voltadas para as especificidades e particularidades da mulher negra, mesmo até quando são convidadas a se pronunciar sobre questões mais gerais como: racismo, saúde, cotas, trabalho e outros. Essa atitude pode ser analisada como uma forma de combater o machismo impregnado na cultura da humanidade que vem de uma história de violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras. Isso está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial. Observamos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das

mulheres é um dos momentos emblemáticos de afirmação em prol não apenas das questões raciais, mas, sobretudo, da valoração das mulheres.

6.1.4 Democratização da informação étnico-racial para mulheres negras

No que diz respeito à quarta pergunta foi questionado: Como essa informação é democratizada para a população de mulheres negras a fim de cumprir os objetivos da organização em defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras? Os entrevistados assim se expressaram:

Sujeito A: Pelo que eu entendo assim, de democratizar informação, e seguindo aqui a minha linha de raciocínio do que eu tenho aprendido. Uma coisa que a Bamidelê também faz em sua atuação para atingir os objetivos que estão lá propostos é a adequação da linguagem, por exemplo, se a gente vai para uma oficina na escola a gente adequa a linguagem daquela informação que a gente vai passar, por exemplo, da lei 10.639, uma variação da idade daquele público adequa a linguagem àquele público. [...] Eu acho que nesse processo de democratizar a informação tem muito disso de adequação da linguagem, é você ter o respeito né? Por aquele lugar que você vai lá, você tá lá naquele espaço e você respeita aquele espaço, e falar de acordo com aquele espaço né? Não deixando expressar nossa opinião e tal e tudo mais, mas sempre buscando interagir com aquele meio. É bem isso.

Sujeito B:[...] Então, essa comunicação visual da Bamidelê eu acho muito interessante, e estava pensando também que no processo da campanha né? Que a gente conseguiu publicitar a campanha na rede Globo, e rádio e tudo, mas assim, essa questão do visual e da ligação que se faz com a missão né? Que por a gente falar da efetivação da cidadania né? E essa missão da Bamidelê é tão frágil aqui na Paraíba né? Já foi colocada essa questão da afirmação da identidade. [...] E também essa coisa, que é bem interessante de brincar, que eu estava até olhando no Facebook, que as pessoas criaram comunidades "Morena não, eu sou linda e negra". - É têm pessoas que têm no perfil, colocam o nome, aí colocam "Morena não, sou negra" -. Mas tem uma página criada também. Esses dias eu estava olhando no Youtube também, encontrei um videozinho com a música de Jorge Aragão e aí no final se coloca essa imagem né? E aí assim, essa coisa de atingir. Eu pensando no 21 de Março que não é tão conhecida, é o dia mundial de luta contra o racismo, e o (sujeito A) banner virtual. E aí tem seis mil compartilhamentos, quer dizer, mais de trezentas mil pessoas visualizaram, tiveram acesso àquela essa informação, já é uma coisa... Né?

Sujeito C:[...] Eu acredito que nós poderíamos dizer que nós nem democratizamos a informação, eu vejo a democratização muito pesada pra Bamidelê, eu acho que a gente compartilha né? Até porque nós não somos assim, essa produtora de informações para a cidadania plena, vamos dizer assim, então nós compartilhamos. E outra ressalva que eu faço também é assim, em defesa da efetivação da cidadania plena. Porque nós temos consciência que nós somos uma ONG, num é? Que nós somos uma voz no conjunto de outras vozes, né? Agora porque assim, na Paraíba nós somos uma voz importante nesse setor, nesse grande, chamado mulheres negras, né? Uma voz importante, fundamental, às vezes a gente pensa até

que nós somos a única voz de ONG de mulheres negras. E aí então, eu estou falando isso por quê?! Porque essa efetivação da cidadania plena assim, não somos nós quem vamos promover né? Nem é nenhuma outra ONG quem vai promover, então assim, essa efetivação da cidadania plena tem que ser feita por um conjunto mesmo, por toda a sociedade né? E o que a gente pretende é que, um dia toda a sociedade brasileira reconheça a importância de se efetivar políticas públicas para as mulheres negras, que a gente não tem. [...] Toda informação que a gente sistematiza, toda ela é trabalhada no sentido de fazer esse compartilhamento né? Na maior dimensão possível: paraibana, brasileira, mundial. [...] Assim, ainda a questão dessa informação não convencional que é das camisetas, [...], eu vejo camiseta como um outdoor ambulante né? Tanto que eu não uso qualquer camiseta, mas essas camisetas na UEPB de Guarabira, nós tivemos alguns eventos lá, teve duas vezes que alguém da Bamidelê foi lá e levou as camisetas, que sumiram na hora, todas assim, todo mundo comprou. Mas, eu fico assim muito satisfeita, feliz, sei lá... E eu digo assim "Meu Deus, olha a força que tem essa informação dessa identidade étnico-racial" [...].

Sujeito D: Essa questão da informação ela é uma ferramenta política, [...]. E exatamente levar essa informação da existência dessa lei 10.639, das cotas né? De pensar história e cultura afro-brasileira, mas também a educação das relações raciais, que isso interessa a todo brasileiro né? Toda sociedade brasileira. Não é só alunos das humanidades, mas lá da saúde, da biológica, né? Então a gente também tem feito esse esforço de socializar esse conhecimento sobre essa legislação, sobre essa aplicabilidade. E temos trabalhado na formação das pessoas né? Porque nós entendemos que essas pessoas que estão na universidade futuros profissionais estarão lidando com esse público, com a sociedade, com as pessoas negras que compõem a maior parte da sociedade paraibanobrasileira, e agente espera e acredita de contribuir pelo menos com a educação das relações raciais, e levando esse conteúdo sobre a história da cultura africana e afro-brasileira. E acho que tem sido essa forma de buscar cumprir essa missão que a gente coloca, da cidadania né? Via educação [...]. Então, a gente entende que são intervenções políticasque minimiza o racismo. [...] a partir da presença da Bamidelê na UFPB, e as nossas presenças também como professoras [...] Então eu observo que tem essa questão de a gente atingir público das mulheres negras, mas vai além né? Dentro desses estudantes, é quando eles conhecem e começam a fazer essa discussão, e isso tem uma mudança muito importante na sua vida pessoal mesmo né? Que quando você assume a sua identidade racial né? Nós sabemos que isso tem um significado, você passa a ver o mundo de uma forma diferente né? E tem mais condições de definir a sua vida né? E eu acho que tem esses aspectos também que é importante como é que repercute essas informações na vida dessas pessoas, eu falo um pouco desse lugar que eu estou vivendo né? Que é exatamente esse espaço da universidade, e que eu acho interessante é que, eu acho nem todo mundo tem que ser militante, eu acho que é importante quando a pessoa quando vai fazer um trabalho acadêmico, e isso tem acontecido na história, não sei se na educação, mas é exatamente ter esse olhar, você nem precisa necessariamente trabalhar com a questão racial, mas você relacionar e observar que ser negro, ser branco, ser indígena, ser mestiço nessa sociedade, você tem um tratamento diferenciado né? Então eu também considero esse aspecto importante, é quando a pessoa tem essa compreensão melhor do mundo que ela vive e leva pra sua prática educacional, sua prática acadêmica pra desenvolver os seus trabalhos. [...] a questão da camiseta é interessante porque não é só as pessoas negras, são as pessoas brancas, são as pessoas não negras aliadas né? Que são sensíveis, que têm essa visão de mundo, da questão do respeito, e a necessidade de ampliação da cidadania para as pessoas negras, para as

mulheres negras, essas pessoas também usam. [...] A gente fez a campanha, mas só que a campanha ela continuou, sabe? A campanha permanente né? A gente tá sempre, ela tá sempre revista. [...] porque a nossa campanha tá no **Youtube**, a gente não falou do **Youtube**, mas também, a gente não usa com frequência, mas, por exemplo, a campanha tá lá, então de certa maneira né? Alguém colocou. [...] Que é uma ferramenta que a gente não tinha colocado. Que é outra **rede social** num é? O **Youtube**.

As ideias centrais do quarto bloco dos dados discursivos geraram três categorias relacionadas à democratização da informação étnico-racial para mulheres negras.

Categoria 7 - A democratização está ligada ao respeito à cultura;

Categoria 8 - A democratização está fortemente relacionada às tecnologias;

Categoria 9 - O poder da informação étnico-racial;

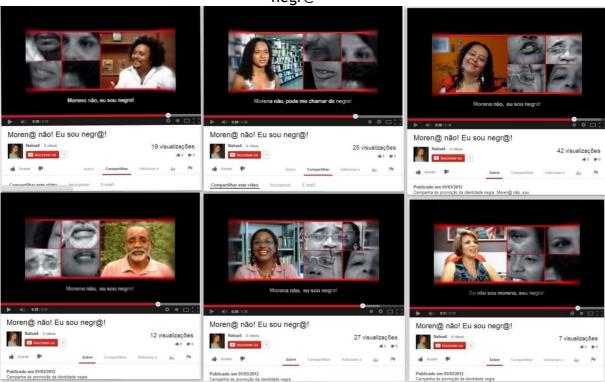
DSC: Eu acho que o processo de democratizar a informação tem muito da adequação da linguagem, é você ter o respeito, pelo lugar e pelo espaço que você atue. Também está ligada a questão da internet, a potencialidade do acesso que uma informação tem ao ser postada na rede. Toda informação que a gente sistematiza é trabalhada no sentido de fazer esse compartilhamento, na maior dimensão possível, pois a questão da informação deve ser vista como uma ferramenta política.

O DSC mostrou que a democratização de informações está diretamente ligada ao respeito com a cultura local. Coadunando com Marteleto (2002, p. 105) quando essa autora afirma que "a informação se constitui como processo de elaboração de sentidos sobre as coisas e os sujeitos no mundo, o que a associa, de imediato, às formas de representação e de conhecimento, configurando-se como um fenômeno da esfera da cultura". Esse ponto de vista expande a afirmação de que a democratização da informação é também "organização [e tem] permanência temporal e espacial, gera memória, carece de meio, pedagogia, política, no sentido da escolha entre fontes, suportes, significados possíveis".

Nessa perspectiva é possível considerar que a Bamidelê atua pela democratização de uma informação étnico-racial que permitasua expansão, propiciando a formação de pessoas e a inclusão de grupos sociais etnicamente desiguais. Isso é importante porque propicia o acesso ao material informacional produzido pela entidade e aumenta o potencial de produzir e/ou elucidar formas de conhecimento acerca das mulheres negras, visando à afirmação de sua identidade como condição fundamental para o exercício de uma cidadania plena.

Também é possível identificar a forte ligação "democratização e tecnologia". Por meios das fontes web (*Facebook*, blog, twitter, e-mail e recém citado youtube), as informações produzidas pela Bamidelê são disseminadas em números antes inalcançáveis por algumas fontes tradicionais. Contribuindo para a "democratização da informação étnico-racial" tem como finalidade possibilitar o acesso de negros(as) aos diversos tipos de informação, a fim de que se apropriem de conteúdos materiais e culturais produzidos pela humanidade ao longo da história humana (vídeos promocionais da campanha "Moren@ não eu sou negr@" que circulou a nível nacional, como mostra a Figura 6.

Figura 6 - Imagens dos vídeos promocionais da campanha "Moren@ não eu sou negr@" 13



Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Outra categoria presente no DSC se refere ao poder da informação étnicoracial. O poder de ser um espaço de combate às diferenças e as injustiças sociais.

¹³ Vídeos completos disponíveis em:

<http://www.youtube.com/watch?v=B1hqYU8HKgo>.

<http://www.youtube.com/watch?v=lo7PF_i_bUo>.

.

http://www.youtube.com/watch?v=a9gjnTTvwkl.

<http://www.youtube.com/watch?v=zldBQVQAdYE>.

<http://www.youtube.com/watch?v=jRqLS0vuUUg>.

As entidades como a Bamidelê são, por sua vez, agentes de "Combate ao racismo" e do "reconhecimento das comunidades negras", nos vários meios, e partir dessas missões se tornam organizações que estimulam a solidarização com outras etnias, nas suas lutas por uma vida digna.

6.1.5 As políticas adotadas pela Bamidelê para a preservação da informação étnico-racial

No que diz respeito à última pergunta feita a ONG, indagamos: "Quais são as políticas/medidas adotadas pela Organização para a preservação da informação étnico-racial?" As integrantes da pesquisa assim se posicionaram:

Sujeito A: [...] com relação a isso, quando eu falo de política e tal, a gente não tem algo formalizado, documentado e tal. Porque assim, o que eu entendo de política [...] é a gente ter a diretrizes pra se posicionar diante do arquivamento, e também nessa questão de problemas que venha a surgir, principalmente no campo virtual, que é complicada essa questão de terra sem dono né? A internet, ser colocada como terra sem dono, sem lei, enfim. [...] E de que forma ver, para que não haja essa apropriação indevida, não que a gente também vá tá dando exclusividade pra as coisas que a gente produz e faz, porque a gente quer disseminar, compartilhar conteúdo e o que a gente tem aprendido nessa militância, na própria realidade que a gente vive cotidianamente, mas o respeito pelas criações da organização né? Então com a relação à política de organização que balize como a organização vai atuar institucionalmente, com relação a isso ainda não temos né? Que acredito que seja importante pra esse ano de 2014 a gente ter uma política de comunicação, tendo em vista que estamos investindo em comunicação seja na produção de camisas, na questão do, "Morena não, eu sou negra". Quem vê essa frase logo relaciona à Bamidelê. Então, precisa criar esse instrumento pra balizar, nortear a Bamidelê no que se diz respeito a comunicação.

Sujeito B: Aqui tem tudo arquivado, a gente só precisa de que a parceria [com o CCSA] pra fazer essa organização né? Porque a gente tem todo esse material, por exemplo, livros, cartilhas, revistas, é tudo já arquivado, catalogado. Falta organizar. [...] Aqui tá assim classificado no geral e guardado. A gente não sabe achar assim, mas tá classificado, nós temos a sequência e tal, na estante. Aí por isso a gente tá fazendo a parceria, pra organizar o que a gente tem, por que a gente tem muita coisa.

Sujeito C:[...] existe sem estar sistematizado, formalizado né? Quando chega alguma informação em papel ou virtual, aí ela é analisada, né? Se for pra a gente divulgar a gente divulga, se for pra guardar a gente guarda. Se for pra jogar fora, a gente joga fora.

Sujeito D: A gente tem uma parceria com o CCSA, com o curso de arquivologia com o objetivo de fazer a organização do arquivo. [...] Nós temos vários álbuns com imagens da Bamidelê, e nós utilizamos os computadores, são coisas assim, virtuais. E nós temos a biblioteca tradicional. Com impressos né? [...] Tem um portfólio que ela [sujeito b]

vai colocando todas as produções. [...] As ações das políticas imediatas, elas são guardadas, têm os espaços que elas são guardadas. Os banners têm alguns guardados, e alguns que ficam expostos, por exemplo, né?

De acordo com as ECH, retiramos as ideias centrais, das quais foram categorizadas:

Categoria 10 - Preservação da memória produzida pela Bamidelê;

Categoria 11 - Preservação da informação pelas vias tradicionais (arquivos e bibliotecas).

DSC: Em se tratando de política, a gente não tem algo formalizado e documentado. Precisamos criar esse instrumento pra balizar, nortear a Bamidelê. Mas, aqui tem tudo arquivado (temos vários álbuns com imagens da Bamidelê, utilizamos os computadores, temos a biblioteca tradicional com os impressos) falta organizar, mas tá classificado, nós temos a sequência na estante. Por isso, fizemos uma parceria com o CCSA, com o curso de arquivologia com o objetivo de fazer a organização do arquivo.

Por meio do DSC observamos que a Bamidelê é um lugar de memória para a preservação da informação étnico-racial. Esse espaço também serve como fonte de informação para aqueles que não têm conhecimento da história do grupo e da sua luta, que não é só da Bamidelê, mas de todos os que buscam uma sociedade mais justa. Esse espaço também possibilita que se reconstrua uma identidade/memória cultural do povo negro, que há muito, foi oprimida e esquecida.

Sobre esse "esquecimento", Knobbe (2005) explicita que, no Brasil, a questão dos grupos negros tem o agravante do racismo cordial, em que as pessoas dizem que não os discriminam e respeitam as religiões afro-brasileiras. Trata-se de uma situação histórica e cultural, o racista ou preconceituoso é sempre o vizinho. A política de embranquecimento da população brasileira, através do incentivo à imigração europeia, a perseguição, até os anos 1950, às religiões afro-brasileiras e a destruição de seus templos são alguns exemplos da opressão sofrida por esses grupos. Não é por menos que uma parcela da população afrodescendente acabe por renegar sua herança africana. A vergonha de ser negro é fruto de um estigma colocado sobre a população (negra e não negra) e de uma estratégia de sobrevivência social.

Nesse entender, a construção de uma memória cultural pela Bamidelê é essencial para que o indivíduo conheça suas raízes, e possa construir sua identidade e, dessa forma, ter condições de se integrar efetivamente ao seu grupo social.

O DSC também revela a preocupação da Bamidelê com a preservação dessas informações pelas vias tradicionais como arquivos e bibliotecas físicas, seja por meio de parcerias com a Coordenação do Curso do Arquivologia da UFPB, seja por meio de suas próprias ações, conforme mostra a Figura 7.

Cotas nas Universidades
Um direito seu!
Uma conquista de tod@s!
Pela demonstração do acesso a universidade,
combata à defectivamento motal
Pela demonstração do acesso a universidade,
combata à defectivamento motal
Pela demonstração do acesso a universidade,
combata à defectivamento motal
Vamos fazer valer essa opção!
Que sutinstidade la grata do provi
La granda de descriptiva de la companya de

Figura 7 - Material arquivado na Bamidelê

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Verificamos que essa preocupação com a preservação da informação étnicoracial atinge não as fontes formais de informação, citadas anteriormente, mas também as fontes informais, como banneres, faixas, folderes, panfletos, cartilhas, adesivos, camisas, quadros e os tecidos afros. Essas informações, em geral, fomentam a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades que não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige também a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão como é o caso do racismo. Nessa perspectiva, entidade como a Bamidelê que lutam a favor das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.

6.2 A VOZ DAS MULHERES USUÁRIAS DA BAMIDELÊ

As entrevistas com as mulheres usuárias da Bamidelê foram realizadas no período de novembro de 2013 a janeiro de 2014. Todas as entrevistas foram realizadas, virtualmente, por meio de comunicações trocadas via e-mail e/ou *Facebook*.

A seguir, apresentamos o perfil dos sujeitos individuais traçados por meio na primeira parte do roteiro de entrevista "Dados de identificação":

- a) Sujeito A: É Educadora Popular. Tem ensino médio completo. A faixa etária está entre 26 e 33 anos. Conheceu Bamidelê em 2006, ao vir residir no estado da Paraíba quando procurava na cidade grupos que discutissem essa temática;
- b) Sujeito B: É bibliotecária. Tem pós-graduação. A faixa etária está entre 26 e 33 anos. Conheceu a Bamidelê entre os anos de 2010 e 2012 durante participação de Seminários realizados na Universidade (UFPB);
- c) **Sujeito C**:É Assessora de Imprensa. Já concluiu o nível superior. A faixa etária está entre 26 e 33 anos. Conheceu a Bamidelê Há 3 (três) anos (2011) quando começou a trabalhar com movimentos sociais;
- d) **Sujeito D**: É estudante. Está cursando graduação em Arquivologia. A faixa etária está entre 26 e 33 anos. Conheceu a Bamidelê na universidade participando de projetos com professores que desenvolvem trabalhos sobre relações étnico-raciais;
- e) **Sujeito E:** É professora. Tem pós-graduação. Mais de 42 anos. E conheceu Bamidelê através da participação no movimento feminista e da relação que os movimentos estabelecem entre si;

Assim como o perfil da coordenação da Bamidelê, também podemos fazer uma análise preliminar dessas mulheres. A maioria delas são mulheres inseridas no campo da Educação, seja como docente, seja como estudantes e, em sua maioria, são mulheres imersas no contexto dos movimentos sociais.

A seguir, daremos início à análise dos discursos dessas mulheres a partir da técnica do DSC.

6.2.1 Fontes informação da Bamidelê utilizadas pelo público de mulheres

Para dar início esse segundo momento da análise dos dados, perguntamos as entrevistadas: Quais são as fontes utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial que você conhece e usa? Vejamos o discurso das participantes da pesquisa.

Sujeito A: Capacitações/Formações (cursos, seminários), atividades de ruas e acervo bibliográfico.

Sujeito B: Informativos e internet.

Sujeito C:Facebook e publicações.

Sujeito D: Site, palestras em eventos, roda de diálogos entre outros.

Sujeito E: Sempre que realizei atividades/ações no campo das relações étnico-raciais me utilizei de **materiais produzidos pela ONG**, ou que esta tem em **seu acervo**, que sempre colocou a nossa disposição.

As ideias centrais (IC), destacadas em negrito, foram retiradas das ECH das quais extraímos 2 (duas) categorias referentes as fontes disseminadas pela Bamidelê utilizadas pelo público de mulheres:

Categoria 1 - Fontes web (Facebook, twitter, blog, e e-mail).

Categoria 2 - Fontes informais (seminários, cursos, atividades de rua, informativos, roda de diálogo e outros);

DSC: Capacitações/Formações (cursos, seminários, palestras em eventos, roda de diálogos), atividades de ruas e acervo bibliográfico. Informativos e internet (*Facebook*, site).

O DSC aponta que das fontes produzidas e/ou disseminadas pela Bamidelê mais utilizadas são as fontes de natureza informal e efêmera, que é o caso das fontes web. Sendo assim, acreditamos que essa característica se dá pela facilidade do acesso a essas fontes, geralmente visíveis a todas/os. No caso especifico do *Facebook*, percebemos uma maior adesão a essa fonte, se observamos o número de seguidoras (usuárias/os que curtem a *fanpage*) que a ONG tem em sua página (1.378 curtidas), como pode ser observado na Figura 8, a seguir:



Figura 8 - Página da Bamidelê no Facebook

Fonte: https://www.facebook.com/negrasbamidele?fref=ts. Acesso em: 10 fev. 2014.

A Bamidelê mantém essa fonte web sempre atualizada, desde 18 de Dezembro de 2011, data de entrada no *Facebook*, com aproximadamente 2 (duas) postagens por dia. Através dos discursos do sujeitos também podemos observar que uso dessas fontes está ligado as atividades dessas mulheres enquanto ativistas. Fazendo com que as informações utilizadas pela ONG sirvam para fundamentar seus trabalhos e também sua militância.

6.2.2 A informação disseminada pela Bamidelê utilizadas pelo público de mulheres

Para complementar a primeira pergunta, indagamos: Como você usa essas informações? E, assim, as participantes da pesquisa responderam:

Sujeito A: Convidando outras pessoas a participarem, repassando por email, **tentando multiplicar nos espaços de convivência sociocultural.**

Sujeito B:Através de leituras para me manter informada.

Sujeito C:Sempre leio e quando acho interessante encaminho para meus contatos.

Sujeito D:Hoje para conhecimento próprio, mas pretendo sim, focar nas atividades desenvolvidas pela ONG, pois pretendo trabalhar com esta mesma ONG na minha monografia focando qual ou quais métodos de gestão elas desenvolve e os impactos destas atividades causados na sociedade.

Sujeito E: Em oficinas e formações no campo das relações étnico-raciais.

A partir dessas ECH foi possível a construção de 2 (duas) categorias:

Categoria 3 - Para manter-se informada;

Categoria 4 - Informar outras pessoas;

DSC:Para me manter informada e informar em outros espaços de convivência (contatos pessoias, profissionais e acadêmicos).

Observamos que as informações disseminadas pela Bamidelê são utilizadas pelas mulheres para o fortalecimento e para construção de conhecimentos sobre as temáticas abordadas, seja para fins pessoas, profissionais e/ou acadêmicos. Em sua missão também de ativistas, essas mulheres tentam reproduzir essas informações em seus contextos, buscando assim, multiplicar-se socialmente, ou seja convidando mais pessoas adererirem a luta em defesa dos direitos de mulheres, principalmente mulheres negras.

Esse novo olhar, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, reforça essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher, sobretudo negra. Nesse sentido, a Bamidelê ao traz para o cenário político, econômico e social as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, fortalecendo as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais "representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro" (CARNEIRO, 2011, *online*).

6.2.3 A importância das informações disseminadas pela Bamidelê para o fortalecimento da autoestima da mulher negra

A terceira pergunta elucidou uma questão emblemática: Qual a importância/papel dessas informações para o fortalecimento da sua autoestima? E essas foram as respostas:

Sujeito A:Importanteacessar conhecimentos, fortalecer enquanto indivíduo, qualificar argumentos.

Sujeito B:Me faz perceber que o negro também tem voz e que a cada momento vem conquistando seu espaço na sociedade. Também a importância de saber que existe pessoas que defendem as causas do negro embora seja ainda desvalorizada e mal vista pela sociedade.

Sujeito C: Super importante saber que ações afirmativas estão sendo realizadas no Brasil, que tem gente lutando pelos direitos das mulheres negras.

Sujeito D:É de **grande relevância**, pois nos faz conhecer e entender melhor os direitos das mulheres.

Sujeito E: [...] ampliação dos meus conhecimentos sobre a temática em questão.

As ICs dessa questão possibilitaram a construção de mais uma categoria referente à importância dessas fontes para o fortalecimento da autoestima da mulher negra:

Categoria 5 - Importante para fortalecer a questão étnico-racial, sobretudo das mulheres negras;

DSC: Muito importante para fortalecer enquanto indivíduo e saber que existe pessoas que defendem as causas do negro, sobretudo das mulheres negras ampliando meus conhecimentos sobre a temática em questão.

A discussão que esse DSC elucida, ao nosso ver, provoca uma reflexão no mínimo intricada, sobretudo para as mulheres negras. Entendemos que assumir sua negritude é uma maneira de propor uma transformação social. Reconhecer-se negra, numa socidade marcada pela discriminação e pelo preconceito velado é, acima de tudo, imprimir uma ética da diversidade, ética da aceitação, da tolerância e da conviência com os outros. É provocar um debate, que na maioria das vezes é camuflado por uma cultura eurocêntrica.

Gabriela Watson, uma estudante do EducaAfro, escreveu uma redação para programa, e nesta ela introduziu da seguinte forma:

Olhar no espelho e se identificar mais com a Bela do que com uma fera é um desafio para as mulheres negras no Brasil. Principalmente, quando no espelho da sociedade brasileira, a televisão, elas só aparecem na época do carnaval, o que infelizmente, também não é motivo de comemoração (WATSON, 2013, *online*).

Vejamos alguns exemplos de campanhas promovidas pela Bamidelê que reforçam essa a questão na Figura 9, abaixo.

Figura 9 - Campanhas promovidas pela Bamidelê para o fortalecimento da autoestima da mulher negra



Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Ao disseminar informações que fortalecem a autoestima da mulher negra enquando indivíduo e agente social, a Bamidelê lança uma questão importante: a valoração do pertencimento racial e de gênero, quebrando com esse tipo de estereótipo e instaurando a consciência de ser Mulher e Negra e seu papel perante a sociedade. Entendemos, portanto, que o primeiro passo para a construção da autoestima passe, necessariamente pelo reconhecimento de seu pertencimento racial e de gênero.

A partir daí, estas mulheres são exemplos de que, no momento em que a informação de que elas necessitam torna-se acessível, quaisquer estigmas são superados.

6.2.4 O papel da Bamidelê para defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras.

Na quarta e última questão perguntamos: Como você descreveria o papel dessa instituição para defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras? Vejamos atentamente as respostas:

Sujeito A:Integrar mais,e, melhor as diferentes identidades e faixaetárias de mulheres negras.

Sujeito B:Como algo essencial para nossa sociedade, que embora negue, ainda sim é disseminadora de informações negativas em relação ao papel da mulher negra e por isso se faz importante a todo o momento está disseminando informações e alertas que minimizem esses ruídos negativos em torno do negro seja qual for o gênero.

Sujeito C:A Bamidelê tem papel fundamental na efetivação da cidadania das mulheres negras. Não só no seu papel de informar as mulheres e a sociedade das desigualdades e das injustiças sofridas pela população negra no Brasil e principalmente as mulheres, mas também no seu papel formador e educador fortalecendo comunidades tradicionais e formando lideranças negras para ocupar papeis de poder dentro de espaços importantes.

Sujeito D:A ONG tem um papel importante de levar a sociedade e contribuir no processo político para a eliminação do racismo e do sexíssimo, promovendo assim debates, atividades e ações que fortaleçam a identidade e autoestimadestas mulheres menos desfavorecida, nos mostrando diversos combates também contra o preconceito.

Sujeito E: Importante, tanto que em João Pessoa a referida ONG tem tido uma atuação importante no combate ao racismo, na demanda por políticas públicas para a população/mulheres negras, em todas as áreas e, principalmente, para o fortalecimento e o reconhecimento da identidade negra na Paraíba, através da sua campanha: Campanha Morena, não! Eu sou negra!

As ICs dessa questão possibilitaram a construção de mais três categorias referentes a importância dessas fontes para efetivação da cidadania plena, sobretudo da mulher negra:

Categoria 6 - Integrar a sociedade;

Categoria 7 - Fortalecimento da identidade negra;

Categoria 8 - Contribuir para eliminação do racismo e do sexismo;

DSC: Integração social, essencial para nossa sociedade. A Bamidelê tem o papel fundamental na efetivação da cidadania das mulheres negras e levar a sociedade a contribuir no processo político para a eliminação do racismo

e do sexíssimo, para o fortalecimento e o reconhecimento da identidade negra na Paraíba.

Para melhor exemplificar essa última questão, vejamos alguns exemplos de campanhas promovidas pela Bamidelê que reforçam essa a questão, através da Figura 10, a seguir:

Figura 10 - Campanhas promovidas pela Bamidelê para efetivação da cidadania plena



Fonte: Dados da pesquisa (2013).

A análise desse DSC nos coloca a frente de três palavras muito significativas: integração, fortalecimento e construção. Para que exista cidadania plena, por assim dizer, é necessário a união dessas três palavras. Para exercermos a cidadania plena, precisamos usufruir dos direitos civis, políticos e sociais. Então, como as mulhres negras podem sua exercer cidadania plena, tendo em vista que seus direito ainda são negados? O DSC mostra que pelo intermédio da Bamidelê, cada vez mais essas mulheres vão tendo acesso a informações que possibilitam essa realidade.

Integrando-as socialmente, fortalecendo sua negritude e contribuindo para a construção de sociedade sem racismo e sexismo.

Nesse sentido, essa cidadania plena para uma sociedade que foi excluída e marginalizada, em que o acesso aos bens e serviços é restrito, não é mais tão utópico assim. Os avanços para efetivação da cidadania, dependem também da luta e das reivindicações, da ação concreta dos indivíduos. A fim de construirmos uma sociedade mais justa, igualitária e com menos diferenças sociais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos refletir a emblemática que gira em torno da organização de mulheres negras da Paraíba, principalmente no que concerne ao que chamamos de "sociologia da informação étnico-racial". A partir da discussão dos conceitos de apropriação, disseminação, democratização e preservação foi possível uma maior compreensão dessa disciplina dentro do campo da Ciência da Informação. Acreditamos que é preciso abrir esse escopo teórico-prático, pois, o mesmo nos possibilitará novos espaços interdisciplinares dentro da CI.

Na Paraíba, existe uma conjuntura que desafia sistematicamente a garantia dos direitos humanos das mulheres negras, jovens e adolescentes, assim como o racismo mostra-se incrustado fortemente na sociedade. Para buscar desconstruir (ou minimizar) essas relações hierárquicas e assimétricas, entidades como a Bamidelê que levam além de outras coisas as informações necessárias para discutir abertamente as relações étnico-raciais na Paraíba são agentes transformadores dessa realidade, imposta, sobretudo, as mulheres negras.

Percebermos que após o trabalho iniciado pela Bamidelê, o cenário paraibano mudou significativamente a vida das pessoas, principalmente na luta contra o racismo e o sexismo. Uma mudança na sociedade, mesmo que ainda ínfima, mas que, nos faz acreditar que a luta não é em vão e que precisamos continuar ampliando a atuação, envolvendo mais pessoas e entidades, fortalecendo as parcerias, ocupando outros espaços para que sejam efetivados os direitos humanos das mulheres negras. É fundamental sensibilizar as autoridades (governo, universidades, empresas) e a sociedade em geral para o combate ao racismo e ao sexismo, sobretudo o institucional, bem como difundir a luta pela sua superação.

O perfil das mulheres negras paraibanas reflete a luta de entidades como a Bamidelê, onde as mulheres são proativas, engajadas socialmente e conscientes do seu papel enquanto Mulher e Negra.

Os resultados mostraram que a apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial pela Bamidelê enquanto processos informacionais são fundamentais a fim de atingir os objetivos da instituição e de sobremaneira incentivar a promoção de uma informação étnico-racial aos vários setores e públicos da sociedade em geral, desde as fontes de informação mais tradicionais

até as mais tecnológicas e contemporâneas. Ao utilizar essa diversidade de fontes, a ONG possibilita e potencializa o acesso a um público bem mais diverso e amplo, minimizando as barreiras, sejam elas de ordem geográfica, educacional, política, econômica e linguística.

A utilização da *web* como campo de luta pela entidade, na qual figura uma de suas principais fontes (o *Facebook*), tornou-se um espaço não apenas de disseminação de informações, mas compartilhamento, troca e muito *feedback*, pois também foi percebido que nem sempre os canais responsáveis por esse serviço chegam até esse grupo, desfavorecido socialmente. Nesse sentido, essas ferramentas facilitam o acesso a essas fontes colaborando para o fortalecimento e permanência do grupo.

Os resultados também mostram que todas as ações da Bamidelê são voltadas para as especificidades e particularidades da mulher negra, mesmo até quando são convidadas a se pronunciarem sobre questões mais gerais como: racismo, saúde, cotas, trabalho e outros. Exercendo, assim, os princípios da democratização, especialmente em prol da valoração, fortalecimento e construção de uma identidade negra feminina positiva. Mostrando o respeito à cultura local, ao papel que essas mulheres ocupam/desempenham e combatendo as diferenças e injustiças sociais.

Também identificamos a Bamidelê enquanto um lugar de memória que serve como fonte de informação para mulheres e homens, negros/as e não negros/as conhecerem e reconstruírem sua história de luta, invisibilizada por uma sociedade racista e sexista que não aceita a inserção de outros grupos, por não partilharem dos mesmos costumes e tradições que eles. Tornando-se assim, um espaço para que o povo negro, especialmente as mulheres negras, conheçam suas raízes, possam construir sua identidade (valoração da autoestima negra) e, dessa forma, ter condições de se integrar efetivamente em seu grupo social.

Nesse sentido, consideramos que nossa missão foi cumprida e nossos objetivos alcançados. Analisar como ocorrem os processos de apropriação, disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba (BAMIDELÊ) se configurou em um estudo que buscou a compreensão de um saber mais inclusivo e dinâmico.

Acreditamos que as pesquisas a partir dessa temática auxiliam na construção de identidades pessoais, de grupos e de nações, afirmam o direito à cidadania e advertem para determinados fatos ocorridos que não foram benéficos e poderão ser evitados no futuro. Carece, portanto, a necessidade de abordar essa problemática por diferentes ângulos, considerando a natureza da interdisciplinaridade, com suas variações e conceitos correlatos, sem deixar de "caracterizar-se como sendo mais um esforço ou hipótese sem consistência, mas abrigar novas expectativas e propiciar novas possibilidades" (DAL'EVEDOVE; FUGITA, 2013, *online*).

Ainda existe uma gama de possibilidades para abordar essa temática dentro do campo da CI, pois como é sabido, esse estudo não se esgota aqui. A Bamidelê, enquanto centro/unidade de informação pode dar suporte a pesquisas com abordagens diversas, a saber:

- a) Na pesquisa fundamental: Comportamento humano (diversos tipos e níveis de usuários); Interação usuário-sistema; Representação e organização da informação; Estudos de sistemas e bases de dados; o) Estudos sobre informação, significado e codificação, dos pontos de vista semântico e semiótico; Estudos integrados sobre sistemas de informação e sistemas de comunicação e transmissão, e;
- b) Na pesquisa aplicada: Arquitetura de sistemas aplicativos e gerenciamento de redes; Automação de sistemas de informação de diversos tipos; Gestão automatizada; Desenvolvimento de normas e procedimentos; Estudos e aplicações para preservação entre outros.

Como podemos observar a CI pode contribuir de inúmeras formas para o fortalecimento de entidades como a Bamidelê. Nós profissionais da informação precisamos buscar medidas para que essas fontes/ferramentas venham contribuir a ajudar os grupos sociais, que lutam por direitos, democracia e justiça, seja esta uma luta racial, econômica ou de gêneros. Devemos estimular a elaboração de pesquisas que visem manter viva essa memória, possibilitando a inclusão social às diversas etnias.

Diante do exposto, percebemos, na prática da pesquisa, que a luta empreendida é direcionada a insubmissão das/os oprimidas/os de forma a evitar o eurocentrismo arraigado discursivamente no preconceito velado expresso no discurso a seguir:

Ser Jovem negra é escutar os ecos da minha bisavó nos porões do navio; Escutar o eco da minha avó que estava sujeita aos brancos, donos de quase tudo; Escutar o eco da voz da minha mãe que tem ecoado mais alto contra as desigualdades sociais; E minha voz vai continuar ecoando, por mais lutas, por mudança, porque foi-se o tempo de esconder e negar ancestralidade africana (DINDARA, 2013, *online*).

Que nos possamos esquecer esse tempo e construir uma sociedade mais includente, justa e humanitária!

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez Editora. 2001. (Questões da nossa época, 104).

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do "social". In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. Cap. 3, p. 59-79.

ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO Mirian de Albuquerque. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. **Informação e Sociedade:** estudos, João Pessoa, v. 22, n. esp., p. 79-100, 2012. Disponível em:

http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/download/13678/8211. Acesso em: 10 nov. 2013.

AMNB. Articulação de Organizações de Mulheres Brasileiras. Disponível em: http://www.amnb.org.br/site/index.php. Acesso em: 20 out. 2013.

ANDRADE, Alcilene da Costa. Entre a letra e o espírito: o discurso de professores(as) sobre estudantes negros (as) pós-implementação da Lei 10.639/03 em escola pública.2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Memória da Ciência**: A (in) visibilidade dos (as) negros (as) na produção do conhecimento da Universidade Federal da Paraíba. (Projeto de Pesquisa)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

______. Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no movimento negro da Paraíba. (Projeto de Pesquisa)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

AQUINO, Mirian de Albuquerque et al. O hipertexto como objeto multimídia na (in)formação de aprendentes. **Informação e Sociedade:** estudos, João Pessoa, v. 20, n. 2, p. 13-24, maio/ago. 2010. Disponível em:

http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4064/4352. Acesso em: 20 dez. 2012.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Estudos dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-100, 1979. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1530/1147>. Acesso em 10 nov. 2013.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúl Veda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências**

Sociais, n. 79, p. 95-111, dez. 2007. Disponível em:

<www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=972>. Acesso em 25 dez. 2012.

BAMIDELÊ. BAMIDELÊ: organização de mulheres negras (blog). Disponível em:

<http://negrasbamidele.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2013.

_______. Organização de mulheres negras na Paraíba. Disponível em:

<http://www.bamidele.org.br/>. Acesso em: 15 set. 2011.

______. Relatório narrativo e financeiro do projeto: mulher negra, saúde reprodutiva e direitos sexuais: construindo caminhos para a felicidade de viver. João Pessoa, 2005.

_____. Relatório Final: período compreendido entre 2004-06. João Pessoa, 2006. (Projeto: mulher negra, saúde reprodutiva e direitos sexuais: construindo caminhos para a felicidade de viver).

____. Relatório Anual Ford (2007). João Pessoa, 2008.

___. Relatório Bamidelê 2009. João Pessoa, 2009.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Disseminação da informação**: entre a teoria e a prática. Marília: [s.n.], 2003.

BARROS, Moreno Albuquerque de. Um blog, uma revista, um repositório e um portal: experiências discentes na divulgação e comunicação em Biblioteconomia. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 24., 2006, Recife. **Anais...** Recife: [s. n], 2006. Disponível em: http://eprints.rclis.org/9330/1/enebd_2006.pdf> Acesso em: 15 nov. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Edires, 2010.

BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.

BERWANGER, Marcos. A memória coletiva e o ciberespaço na era do conhecimento. 2010. Disponível em:

<http://www.webartigos.com/articles/32096/1/A-Memoria-Coletiva-e-o-Ciberespaco-na-Era-do-Conhecimento/pagina1.html#ixzz1StPbNIND>. Acesso em: 22 jul. 2011.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

CANDAU, Joel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. Tradução de Ana Maria Rezende et al. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5. 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 10 abr. 2012.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: . Acesso em: 20 out. 2013.

CARVALHO, Rayssa Andrade; ROCHA, Solange Pereira. Feminismo negro no Brasil: ações da Bamidelê - organização de mulheres negras na paraíba na construção e afirmação de identidade negra. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 17., 2012, João Pessoa. Anais eletrônicos... João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. Disponível em: <

http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/65/206. Acesso em: 20 nov. 2013.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: História Cultural. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 13-28.	<u>.</u> . A
A aventura do livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial/UNESP, 1999.	
Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995. p. 179-192. Disponível em: http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144 . Acesso out. 2010.	em:

COSTA, Hildete Santos Pita. Os gestores da informação, a educação plural e os acervos culturais afro-brasileiros. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n.9, maio 2010. Disponível em:

http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Os_gestores_da_informacao.pdf. Acesso em: 8 nov. 2012.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias.** Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. 2005. Cap. 14, p. 249-273.

Afrodescendência e espaço urbano. In: CUNHA JÙNIOR.	Henrique; RAMOS,
Maria Estela Rocha (Orgs.). Espaço e Afrodescendência urbana:	estudos da
espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas.	Fortaleza: Edições
UFC, 2007.	

_____. Metodologia afrodescendente de pesquisa. 2006. Texto elaborado para a disciplina de etnia gênero e educação na perspectiva afrodescendente.

DAL' EVEDOVE, Paula Regina; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. O movimento interdisciplinar em Ciência da Informação: uma reflexão epistemológica. **DataGramaZero**: revista de informação, v. 14, n. 3 jun. 2013. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun13/Art_02.htm. Acesso em: 12 dez. 2013.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa In: _____. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 1, p. 15-47.

DESLAURIES, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de: La recherche qualitative. p. 127-153.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em:

http://www.dicionariodoaurelio.com/Apropriacao.html. Acesso em: 10 mar. 2013.

DUARTE, Franciely Fernandes; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A democratização da informação no movimento negro da Paraíba. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ELIOTT, Ariluci Goes. Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da biblioteca da universidade federal do Ceará - Campus Cariri. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. 2010.

FERNANDES, Florestan. A Integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 6, ago. 2009. Disponível em:

http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf. Acesso em: 20 out. 2010.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v. 4, p.137-166, abr. 2004.

FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do estado. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15971.pdf>. Acesso em: 10 set. 2011.

FIGUEIREDO, Nice. Paul Otlet e o centenário da FID. In: ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO, 1996, Brasília. **Anais...** Brasília: IBICT, 1996.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação**: uma interação necessária. 2005. 105 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da informação: temática, história e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FROZ, Suany Clise Cutrim. **ONGs e movimentos sociais**: para uma análise dos elementos conceituais. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., 2005, São Luís. **Anais eletrônicos...** São Luís: PPGPP/UFMA, 2005. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Suany_Clise_Cutrim150.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002. Cap. 2, p. 25-45.

GOMES, Vanessa da Silva. O desenvolvimento da autonomia em crianças afrodescendentes. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de: La recherche qualitative. p. 95-124.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 269-287, nov. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2.pdf>. Acesso: 20 ago. 2011.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução de: La mémoire collective.

HJØRLAND, Birger. Fundaments of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v.30, n. 2, p. 87-111, 2003.

IBGE. Os negros e o acesso à educação. Disponível em:

http://www.ressoar.org.br/dicas_cidadania_os_negros_eo_acesso_a_educacao.as p/>. Acesso em: 28 mar. 2013.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio de expansão. In:_____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 17-44.

KNOBBE, Margarida Maria. História extra-oficial: como os negros no Brasil ainda não conquistaram a liberdade. **Problemas Brasileiros**, São Paulo, n. 371, p. 18-23, set./out. 2005.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. **Revista de Ciência da Informação** São Paulo. v. 17, n. 3-4, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010288392003000300004&script=sci_arttext. Acesso em: 20 maio 2011.

LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; CRESTANA, Maria Fazanelli; CORNETTA, Vitória Kedy. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização "Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde CADRHU". **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 68-75, jul./dez. 2003.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEXEIRA, Jorge Juarez Vieira. **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS-Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2000. (Diálogos)

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: UDUCS, 2003.

O sujei	to coletivo que	fala.	Interface:	comunicação,	saúde,	educação,	٧
10, n. 20, p. 51	7-24, jul./dez.	2006	. Disponível	em:			
<http: td="" www.so<=""><td>cielo.br/pdf/ic</td><td>se/v1</td><td>0n20/17.pc</td><td>lf>. Acesso em</td><td>: 20 nov</td><td>/. 2010.</td><td></td></http:>	cielo.br/pdf/ic	se/v1	0n20/17.pc	lf>. Acesso em	: 20 nov	/. 2010.	

_____. Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. 2. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

LÈVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Celly de Brito. **Identidades afrodescendentes**: acesso e democratização da informação na cibercultura. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LIMA, Izabel França de. **Biblioteca digital Paulo Freire como dispositivo de inclusão:** visão de professoras de escola pública de João Pessoa. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

LISBOA, Pablo Fabião. Memória e arquivos digitais: outras maneiras de lembrar e esquecer. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, 5., 2001, Pelotas. **Anais eletrônicos...** Pelotas: UFPEL, 2011. p. 748-759. Disponível em: http://www.pablolisboa.com/ARTIGO-memoriae-arquivos-digitais_PABLOlisboa_V-SIMP-UFPEL-2011-PDF>. Acesso em: 20 jan. 2013.

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação: In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). O campo da ciência da informação: gêneses, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 101-116.

MEDEIROS, Gilca Flores de. **Por que preservar, conservar e restaurar?** 2005. Disponível em: http://www.conservacao-restauracao.com.br/por_que_preservar.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos:** abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

MNPB. Nossa História. Disponível em:

http://movimentonegropb.vilabol.uol.com.br/historico.htm. Acesso em 10 ago. 2010.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA/ANCIB, 2007. Disponível em: http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOTA, Ana Roberta Sousa. **Memória Iconográfica**: uma análise da representação de negros(as) em cursos da área de saúde nas universidades públicas. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pósgraduação no Brasil. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311-328, mar. 2011. Disponível em:

http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/416/298. Acesso em: 25 set. 2012.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia:** uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto "A Cor da Cultura". 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicorracial na ciência da informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 466-492, set. 2012. Disponível em: http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/453/385>. Acesso em: 15 dez. 2013.

PACHECO, Leila Maria Serafim. A informação enquanto artefato. **Informare:** cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan./jun. 1995.

PAVÃO, Antônio Carlos; LIMA, Maria Edite Costa. Quando o encantamento pela ciência produz frutos de cidadania. In: MATOS, Caue (Org.). Ciência e inclusão social. São Paulo: Terceira Margem, 2002. p. 41-47.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica e filosofia. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEREIRA, Cleyciane Cássia Moreira. **Mitos da cultura africana:** elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantarense de Itamatatiua. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Informação: este obscuro objeto da ciência da informação. **Morpheus online**, ano 2, n. 4, 2004. Disponível em: http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero04-2004/lpinheiro.htm Acesso em: 10 maio 2011.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. Informação e Sociedade: estudos. João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215. 1992.

RAMOS, Guerreiro Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

RIBEIRO, Matilde. Relações raciais nas pesquisas e processos sociais: em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA Suely de (Orgs.). A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 87-105.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007. Tradução de: La memoire, l'histoire, l'oubli.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada:** aos sistemas humanos de informação. Brasília: Thesaurus, 2003.

RODRIGUES, Tatiane Consentino. Movimento negro, raça e política educacional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em:

http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt211249int.rtf. Acesso em: 11 maio 2011.

RODRIGUES, Poliana Rezende Soares. Infância negra: (im)possibilidades de afirmação da identidade étnico-racial a partir de livros infantis. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SALES, Fernanda de; SOUZA, Francisco das Chagas de; JOHN, Valquiria Michela. O emprego da abordagem DSC (discurso do sujeito coletivo) na pesquisa em educação. LINHAS, Florianópolis, v. 8, n. 1, jan. / jun. 2007. Disponível: http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1361/1167. Acesso em: 28 mar. 2013.

SANTANA, Vanessa Alves. A responsabilidade social dos profissionais da informação na inclusão de negros/as afrodescendentes na Universidade Federal da Paraíba. 2008. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

_____. Memória esquecida: uma análise da informação étnico-racial no Opac da Central da Universidade Federal da Paraíba. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SANTIAGO, Stella Marcia de Morais. **Mídia e educação:** influências televisivas da formação identitária de adolescentes. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. As ONGs de mulheres negras no Brasil. **Sociedade e cultura:** Revista de Ciências Sociais, v. 12, n. 2, p. 275-288, jul/dez. 2009.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento. Fontes iconográficas e memória afrocêntrica: uma análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas do Arquivo Histórica do estado da Paraíba. 2012. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representações social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, p. 128-133, julho 2000.

SERFATY-GARZON, Perla. L'Appropriation. In: SEGAUD, Marion; BRUN, Jacques; DRIANT, Jean-Claude (Dir.). Dictionnaire critique de l'habitat et du logement. Paris: Editions Armand Colin, 2003. p. 27-30.

SHERA, Jesse Hauk. Epistemologia Social e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v. 6. n. 1, p. 9-12. 1977.

SILVA, Alba Ligia de Almeida. A (Cons)Ciência da responsabilidade social e ét(n)ica na produção de conhecimento sobre o (a) negros (as) em programas de pós-graduação da universidade federal da Paraíba. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SILVA, Claudinei Fernandes Paulino da. A teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs em diálogo com Dostoievski: uma análise sociológica religiosa a partir da literatura. **Revista Theos**: Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas, Campinas, v. 5, n. 2, p. 1-17, dez. 2009.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Fontes de informação na web: uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba. 2010. 77 f. João Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

SILVA, Tárcia Regina da. A construção da identidade em território de maioria afrodescendente: uma análise do programa lição de vida. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da. Informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura. 2010. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 219-246, nov. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011

SIMIONI, Ana Maria Cavalcanti. **O gerenciamento de recursos humanos em saúde como processo social**. Tese (doutorado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SIMIONI, Ana Maria Cavalcanti; LEFEVRE, Fernando; AZEVEDO, Maria Aparecida Pippa de. O PGI: análise da eficácia de um estímulo financeiro como instrumento de ação gerencial. Relatório Técnico. São Paulo: Secretaria de Estado de Saúde, 1991.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Pomim (Org.). Formação do Profissional da Informação. São Paulo: Polis. 2002.

SOUZA, Edinilsa Ramos et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Cap. 4, p. 133-156.

SOUZA, Herbert de. **Escritos indignados:** democracia x neoliberalismo no Brasil. Rio de Janeiro: IBASE, 1993.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2001.

TOURAINE, Alain. **O retorno do actor**: ensaio de sociologia. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

TOURAINE, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. A busca de si: diálogo sobre o sujeito. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

UFPB. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 15/2011**. João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em:

http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2011/Rsep15_2011.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2013.

VIDAL CID, Gabriel da Silva. Museu digital da memória afro-brasileira e africana no Brasil: galeria Rio de Janeiro. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: diversidades e desigualdades, 11., 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2011.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. A construção de identidade afro-brasileira nos espaços das irmandades do rosário do sertão paraibano. 2009. 258 f. Tese (Doutorado em Educação)- Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

WATSON, Gabriela. Os desafios da militância negra em defesa das mulheres e pela superação da violência de gênero. Disponível em:

http://www.educafro.org.br/site/cariboost_files/desafios_militancia.pdf. Acesso em: 20 nov. 2013.

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing Management**, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. Os fenômenos de interesse para a ciência da informação. 2007. Disponível em:

<<http://www.cid.unb.br/publico/setores/100/114/materiais/2007/1/Wersig_Nev
eling.pdf>. Acesso: 21 out. 2010.

WORCMAN, Karen **A história na empresa**: identidades e oportunidades. 1999. Disponível em:

http://www.museudapessoa.net/adm/Upload/150E4110920121917362L01d.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

XAVIER, Douglas. **Uma história de lutas:** do movimento negro às organizações de mulheres negras. 2010. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/40753727/Domovimento-negro-as-organizacoes-de-mulheres-negras. Acesso em: 20 dez. 2013.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: ROYAUMONT, Cahiers de. **O conceito de informação na ciência contemporânea.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Ciência e informação, 2).

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO - (ORGANIZAÇÃO)

Mestranda: Leyde Klébia Rodrigues da Silva Orientadora: Prof. a Dr. a Mirian de Albuquerque Aquino Co-Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves



Esta pesquisa faz parte do trabalho de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e tem como objetivo compreender como se dão os processos de disseminação, democratização e preservação da informação etnicorracial produzida e/ou apropriada pela organização de mulheres negras da Paraíba - Bamidelê.

PARTE I - Dados de Identificação

1.1 Nome:	
1.2 Profissão:	
1.3 Escolaridade:	
☐ Fundamental ☐ Médio	☐ Superior ☐ Pós Graduação
1.4 Idade:	
□ 18 a 25 □ 26 a 33 □	34 a 41
1.6 Cargo e tempo de participação na Bamidelê:	

PARTE II - Questões abertas

- 1) Quais são as ferramentas utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial produzida e/ou apropriada pela organização?
- 2) Como essas informações chegam até as mulheres negras que são assistidas pela ONG, que não dispõem dos canais descritos acima?
- 3) Como a organização trabalha essa informação para que ela atenda as especificidades e particularidades das mulheres negras?

- 4) Como essa informação é democratizada para a população de mulheres negras a fim de cumprir os objetivos da organização em defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras?
- **5)** Quais são as políticas/medidas adotadas pela Organização para a preservação da informação étnico-racial?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO - (PÚBLICO)

Mestranda: Leyde Klébia Rodrigues da Silva Orientadora: Prof. a Dr. a Mirian de Albuquerque Aquino Co-Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves



Esta pesquisa faz parte do trabalho de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e tem como objetivo compreender como se dão os processos de disseminação, democratização e preservação da informação etnicorracial produzida e/ou apropriada pela organização de mulheres negras da Paraíba - Bamidelê.

PARTE I - Dados de Identificação

1.1 Nome:
1.2 Profissão:
1.3 Escolaridade:
☐ Fundamental ☐ Médio ☐ Superior ☐ Pós Graduação
1.4 Idade:
□ 18 a 25 □ 26 a 33 □ 34 a 41 □ 42 ou mais
1.6 Quando e como conheceu a Bamidelê?

PARTE II - Questões abertas

- 1) Quais são as fontes utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial que você conhece e usa?
- 2) Como você usa essas informações?
- 3) Qual a importância/papel dessas informações para o fortalecimento da sua autoestima?
- 4) Como você descreveria o papel dessa instituição para defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada colaboradora,

Esta pesquisa intitulada, "BAMIDELÊ: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba" é a proposta de um trabalho de mestrado. Solicitamos a sua colaboração e autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos, bem como publicar em revista/livro científica na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação área. Por ocasião de publicação dos resultados e em todo o processo restante, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a Senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e publicação dos resultados.

ANEXO

ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA

Ilma. Sra. Ivonildes da Silva Fonseca Diretora da Organização das Mulheres Negras Da Paraíba - Bamidelê

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba a ser realizada na Organização das Mulheres Negras Da Paraíba -Bamidelê, pela aluna de mestrado Leyde Klebia Rodrigues da Silva, sob orientação da Prof. a Dr. a Mirian de Albuquerque Aquino, com o(s) seguinte(s) objetivo(s): Traçar o perfil das mulheres que compõe a organização da Bamidelê; Identificar como a informação étnico-racial é apropriada pela organização; Identificar os processos de disseminação da informação étnico-racial na Organização de Mulheres Negras da Paraíba; Verificar como a informação étnico-racial é democratizada na população de mulheres negras; Identificar as ações para a preservação da memória cultural da informação étnico-racial; Compreender sociologicamente a informação étnico-racial na organização de Mulheres Negras da Paraíba. Necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos pelas mulheres que compõe a coordenação, secretaria e demais setores de disseminação na informação por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas (áudio). Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Coordenação, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

João Pessoa, <u>QO</u> de <u>Setembro</u> de 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Mestranda Leyde Klebia Rodrigues da Silva Pesquisadora Responsável do Projeto

(x) Concordamos com a solicitação () Não concordamos com a solicitação

Ivonildes da Silva Fonseca Diretora da Bamidelê

Contatos:

Celular: (83) 8787-7825 Fixo: (83) 3512-6991

E-mail: leyklebia@gmail.com